



Prefeitura
de Itatiba

Secretaria da Educação

COLETÂNEA DE ATIVIDADES

Organização: Prof.^a Luciana Gotardo Canal e Prof.^a Camila de Carvalho

CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO

Manual do Professor



Apresentação

A Secretaria da Educação de Itatiba, considerando as demandas recebidas da própria rede e com a reformulação do currículo Municipal no ano de 2020, baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tomou a iniciativa de elaborar um material de apoio ao professor, intitulado como “Coletânea de atividades”, com o intuito de colaborar com o desenvolvimento de atividades significativas para o aprendizado dos gêneros previstos para a produção de texto de cada ano, garantindo desta maneira um trabalho eficaz com relação aos aspectos do contexto de produção, discursivos e linguísticos.

Para tanto, planejou-se a ampliação das ações do Programa Ler e Escrever e Aprender Sempre, materiais oferecidos pelo governo do Estado de São Paulo, incluindo experiências de diferentes fontes e de autoria, numa coletânea que priorizou a aprendizagem e a realidade dos estudantes do município.

As atividades aqui apresentadas foram pensadas para que o professor tenha acesso a uma coletânea que permita o desenvolvimento de uma sequência que possa o ajudar no processo ensino-aprendizagem dos gêneros previstos para o ano letivo, garantindo tanto a exploração do contexto de produção, aspecto discursivo (estrutura do texto, coerência e coesão) e linguísticos (ortografia, pontuação, entre outros).

Para a construção desse trabalho e verificação de sua eficácia de resultados (tanto práticos para aplicação, como de melhora no desenvolvimento da escrita), foi contactado um grupo de professores da Rede Municipal, que ministram aulas nos respectivos anos escolares do fundamental I, que organizaram e aplicaram as atividades aqui propostas durante o ano de 2021, constatando a viabilidade de aplicação e resultados positivos na aprendizagem dos alunos, articulados com o processo de desenvolvimento curricular.

Você, professor/a, está recebendo os resultados de um material articulado entre currículo, materiais didáticos que possui em sala de aula e textos que são fruto de pesquisa e estudo, trazendo propostas de atividades e orientações para o trabalho em sala de aula. Esperamos que essa coletânea, que foi elaborada com muita seriedade e compromisso, ofereça às escolas, professores e estudantes, subsídios para a realização de um bom trabalho!

SUELI DE MORAES TUON

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ITATIBA

Secretaria de Educação do Município de Itatiba

Coletânea de atividades Contos de Assombração

**5º ano
2022**

Administração

Thomás Antonio Capeletto de Oliveira
Mauro Delforno

Secretária da Educação

Sueli de Moraes Tuon

Supervisora de Ensino responsável

Camila Polo da Nobrega

Professoras organizadoras:

Brigida Bredariol
Camila de Carvalho
Débora Aparecida Pereira
Eliana Maria Fattori Calza
Luciana Gotardo Canal
Milena Gava
Rafaela M. Dominici
Renata Correa Rocha
Vanessa Honório

Supervisoras de Ensino fundamental

Adriana Aparecida de Oliveira
Maria Elisabeth Tafarello Alves Siqueira
Marilsa Camilo da Silva
Rita Aparecida Netto Piffer
Vera Lúcia Máximo da Silva

Sequência Didática 1: Contos de Assombração

1. Objetivos Gerais:

Através desta coletânea de atividades sobre contos de assombração será possível ampliar o conhecimento dos alunos sobre as diferentes culturas, seu imaginário e explorar as ideias sobre os contos que envolvem suspense e dão um “frio na barriga”.

O trabalho com a leitura e compreensão de contos de assombração desenvolve a criatividade, desperta a imaginação, motiva a curiosidade, aprimora o vocabulário, as habilidades linguísticas e a reflexão através da leitura.

Nesta coletânea, respeitando-se a idade dos alunos, serão apresentadas e exploradas narrativas literárias ficcionais, que visam provocar sentimentos de suspense no leitor, promovendo uma leitura que os atraia e os desafie a sempre querer ler mais.

2. Habilidades do Currículo Municipal de Itatiba/BNCC a serem desenvolvidas

(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressas, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.

(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio, etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

(EF15LP03) Localizar informações explícitas em textos.

(EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.

(EF15LP06) Rer ler e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.

(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.

(EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia.

(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

(EF35LP04) Inferir informações implícitas, na leitura de textos de diferentes gêneros.

(EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.

(EF35LP06) Recuperar relações entre partes de um texto, identificando substituições

lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos) que contribuem para a continuidade do texto.

(EF35LP07) Utilizar, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal e verbal, pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso.

(EF35LP08) Utilizar, ao produzir um texto, recursos de referência (por substituição lexical ou por pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos), vocabulário apropriado ao gênero, recursos de coesão pronominal (pronomes anafóricos) e articuladores de relações de sentido (tempo, causa, oposição, conclusão, comparação), com nível suficiente de informatividade.

(EF35LP09) Organizar o texto em unidades de sentido, dividindo-o em parágrafos segundo as normas gráficas e de acordo com as características do gênero textual.

(EF35LP12) Recorrer ao dicionário para esclarecer dúvidas sobre a escrita de palavras, especialmente no caso de palavras com relações irregulares fonemas-grafema.

(EF35LP14) Identificar em textos e usar na produção textual pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, como recurso coesivo anafórico.

(EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.

(EF35LP30) Diferenciar discurso indireto e discurso direto, determinando o efeito de sentido de verbos de enunciação e explicando o uso de variedades linguísticas no discurso direto, quando for o caso.

(EF05LP01) Grafar palavras utilizando regras de correspondência fonema-grafema regulares, contextuais e morfológicas, e palavras de uso frequente com correspondências irregulares.

(EF05LP02) Identificar o caráter polissêmico das palavras (uma mesma palavra com diferentes significados, de acordo com o contexto de uso), comparando o significado de determinados termos utilizados nas áreas científicas com esses mesmos termos utilizados na linguagem usual.

(EF04LPCM02) Usar acento gráfico em oxítonas terminadas em a, e, o, em (ens).

(EF05LP03) Acentuar corretamente palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

(EF05LP04 - Adaptado) Diferenciar, na leitura de textos, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos.

(EF05LP05) Identificar a expressão de presente, passado e futuro em tempos verbais do modo indicativo.

(EF05LP06) Flexionar, adequadamente, na escrita e na oralidade, os verbos em concordância com pronomes pessoais/nomes sujeitos da oração.

(EF05LP07) Identificar, em textos, o uso de conjunções e a relação que estabelecem entre partes do texto: adição, oposição, tempo, causa, condição, finalidade.

(EF05LP08) Diferenciar palavras primitivas, derivadas e compostas, e derivadas por adição de prefixo e de sufixo.

(EF35LP21) Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas e autores.

(EF35LP22) Perceber diálogos em textos narrativos, observando o efeito de sentido

de verbos de enunciação e, se for o caso, o uso de variedades linguísticas no discurso direto.

(EF35LP25) Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.

(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

(EF05LP26) Utilizar, ao produzir o texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: regras sintáticas de concordância nominal e verbal, convenções de escrita de citações, pontuação (ponto final, dois-pontos, vírgulas em enumerações) e regras ortográficas.

(EF05LP27) Utilizar, ao produzir o texto, recursos de coesão pronominal (pronomes anafóricos) e articuladores de relações de sentido (tempo, causa, oposição, conclusão, comparação), com nível adequado de informatividade.

3. Justificativa

O conto de assombração é uma narrativa que provoca a tensão, e envolve o suspense, apresentando um final imprevisível e inesperado.

Esse gênero tem ampla importância na formação dos alunos em relação ao cognitivo, afetivo, social, ético, alcançando assim uma formação ampla.

Com o gênero textual conto de assombração “não podemos deixar de observar que há uma aproximação das experiências, posto que a “diferença é que a gama de vivências proporcionada pela arte, pela fantasia, é muito mais vasta do que as experiências possíveis de serem vividas” (CORSO, D.; CORSO, M, 2011, p. 256).

4. Metodologia

O projeto ocorrerá no primeiro bimestre e envolverá especificamente a disciplina de Língua Portuguesa.

No final da sequência, os alunos poderão montar uma coletânea com os contos de assombração escritos.

5. Desenvolvimento

1ª Etapa:

Professor

As atividades propostas a seguir permitem que o aluno já comece a refletir sobre o tema/conteúdo da sequência didática, por meio da mobilização de conhecimentos prévios (de mundo, gênero textual e linguísticos), possibilitando uma relação do aluno com o que será ensinado.

Organize uma roda e inicie a conversa para levantamento dos conhecimentos prévios da turma. Há muitas histórias de assombração envolvendo casarões, lugares escuros e personagens carrancudos, misteriosos e sinistros. Este momento leva em consideração a importância da tradição oral, um momento especial para resgatar o

conhecimento da turma sobre o assunto e valorizar o conhecimento tradicional transmitido de pais para filhos.

Levantamento do conhecimento prévio

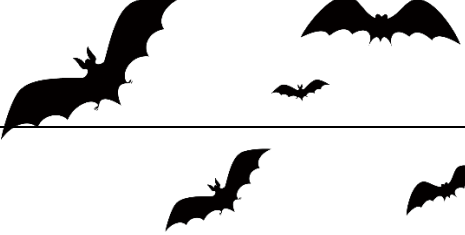
- A) Para vocês, o que é um conto de assombração?
- B) Quando ouvimos a palavra “assombração” em que pensamos?
- C) Quem são os leitores desse tipo de texto?
- D) Qual o objetivo desse gênero?
- E) Como é organizado o conto de assombração?
- F) Esse gênero é parecido com algum outro gênero que você conhece?
- G) Quais personagens geralmente aparecem neste gênero?
- H) Estas personagens podem aparecer em outro gênero textual?
- I) Para que é produzido este gênero?
- J) Você conhece alguma história “de arrepiar”? Qual?
- K) Sobre o que essas histórias geralmente falam?
- L) Como você teve contato com esse tipo de história (livro, filme, ouviu de alguém etc.)?
- M) Você gosta desse tipo de história? Por quê?

Professor

Anote as respostas das questões J, K e L em um papel kraft e deixe-o afixado na sala de aula; peça para que os alunos copiem essas informações no caderno do aluno, pois elas serão retomadas posteriormente.

Resumo da conversa

1- As histórias de “arrepiar” que minha turma conhece são:

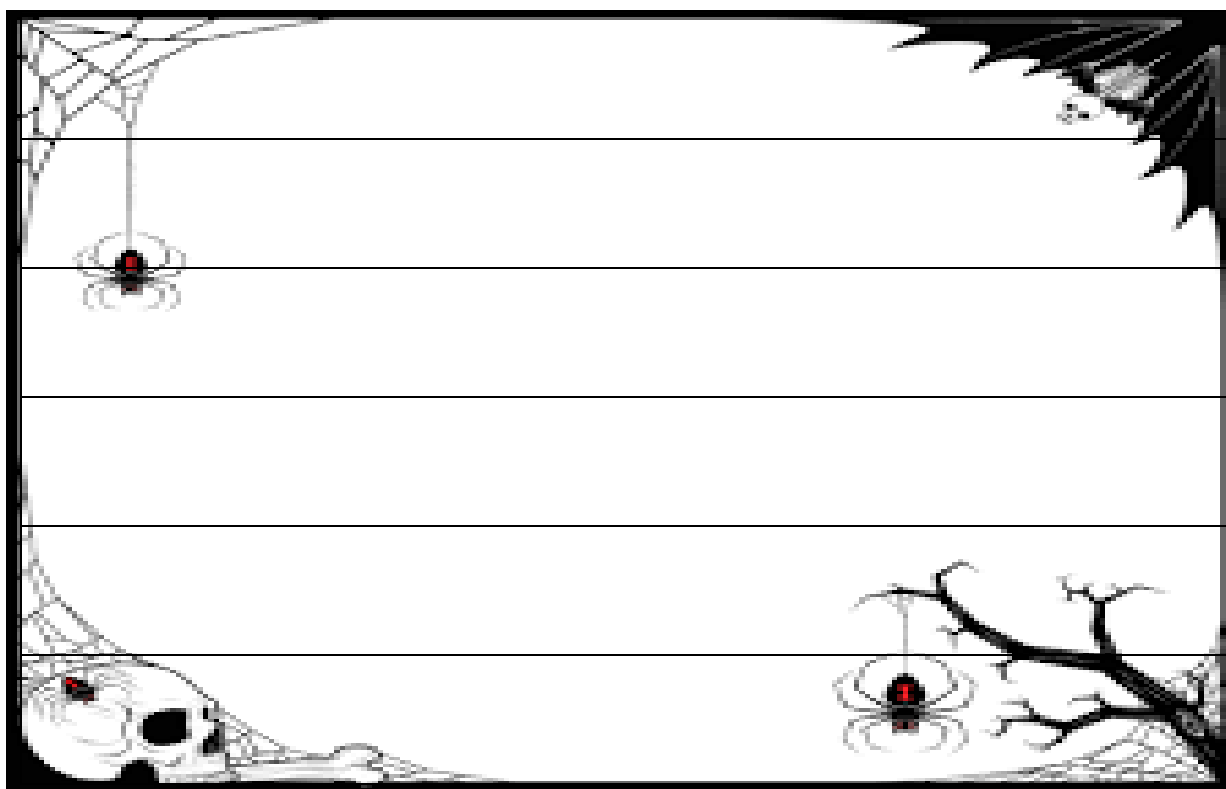




2- Geralmente essas histórias falam sobre:



3- Quem gosta de histórias de arrepiar acha que elas são:



2ª Etapa

Compartilhando e organizando o projeto

Nesta atividade, o(a) professor(a) compartilhará com os(as) alunos(as) o projeto “Contos de Assombração” a ser realizado.

Professor

Essa atividade propõe que os alunos façam uma pesquisa sobre o gênero “Conto de Assombração” e a forma que ele se apresenta ao leitor. É importante que, neste momento, seja esclarecido que os contos que serão trabalhados e pesquisados devem respeitar a faixa etária da criança, tendo uma linguagem sadia e que respeite a relação da criança com o mundo em que vive.

Pesquisa sobre o gênero

1. Pesquise o que são contos de assombração, anotando:

- Como, normalmente, é a marcação do tempo que se inicia a narrativa?
- Quais são as características comuns das personagens que aparecem neste tipo de conto?
- Quais são os lugares em que a narrativa acontece?
- Que tipo de vocabulário é comum nestas histórias?

O conto é a forma narrativa, em prosa, que se organiza em torno de um único problema. Esse gênero tem como objetivo causar um efeito no leitor: criar uma tensão que prende a sua atenção da primeira à última linha. Ao escritor de contos dá-se o nome de contista.

O conto de assombração apresenta o mistério da morte e o temor ao desconhecido, a seres extraordinários que habitam o mundo impreciso daquilo que não está aqui. Alguns são relatos vindos de antigas tradições orais de vários países, que atraem a atenção do leitor por conservar o mistério, o inexplicável em suas histórias, que, geralmente, apresentam personagens que são espíritos que aparecem no mundo dos vivos.

Esse gênero apresenta elementos que o diferenciam dos demais por causar algumas sensações em quem ouve. Eles nunca começam com "era uma vez...", mas com "certa noite", "em um local tenebroso" ou algo tão assustador quanto. Sustos, fantasmas, seres misteriosos, esses são os componentes recorrentes nos contos de assombração, além de apresentar cenários perfeitos e acontecimentos inusitados para quem quer sentir uma pontinha de medo, como casas abandonadas, arrastar de correntes, portas que rangem. Os contos de assombração estão misturados aos contos de tradição oral, uma vez que muitos desses contos são contados e recontados de geração a geração.

3ª Etapa

Professor

Nessa etapa, denominada de "Produção inicial", os estudantes são motivados a produzirem o final do conto de assombração "A coisa".

Para isso, faça a leitura do trecho inicial do texto (conforme indicação) e peça que realizem o desfecho desse conto.

Esta primeira atividade será uma avaliação diagnóstica, a qual tem como objetivo verificar o que a turma já sabe sobre o gênero, a linguagem, pontuação e ortografia e quais são as maiores dificuldades apresentadas.

Texto para ser lido aos alunos:

A coisa

A casa do avô de Alvinho era uma dessas casas antigas, grandes, que tem dois andares e mais um velho porão, onde a família guarda tudo que ninguém sabe bem se quer ou não quer.

Um dia Alvinho resolveu ir lá embaixo procurar uns patins que ele não sabia onde é que estavam. Pegou uma lanterna, porque as lâmpadas do porão estavam queimadas, e foi descendo as escadas com cuidado.



No que foi, voltou aos berros:

– Fantasma! Uma coisa horrível! Um monstro de cabelo vermelho e uma luz medonha saindo da barriga.

Ninguém acreditou, está claro! Onde é que já se viu monstro com luz saindo da barriga? Nem em filme de guerra nas estrelas!

Então o vovô foi ver o que havia. E voltou correndo, como o Alvinho.

– A Coisa! - ele gritava. – A Coisa! É pavorosa! Muito alta, com os olhos brilhantes, como se fossem de vidro! E na cabeça uns tufos espetados pra todos os lados!

Nessa altura a família toda começou a acreditar. E tio Gumercindo resolveu investigar. E voltou, como os outros, correndo e gritando:

– A Coisa! É uma Coisa! Com uma cabeça muito grande, um fogo na boca. É muito horrorosa!

O Alvinho já estava roendo as unhas de tanto medo. Dona Julinha, a avó de Alvinho, era a única que não estava impressionada.

– Deixa de bobagem, Alvinho. Pra que este medo? Fantasmas não existem!

– Mas o meu existe! – disse Alvinho.

– Tá bem, tá bem, eu vou! – disse Dona Julinha. - Eu vou ver o que há...

-----Parar aqui-----

E Dona Julinha foi tirar a limpo o que estava acontecendo. Foi descendo as escadas devagar, abrindo as janelas que encontrava.

A família veio toda atrás, assustada, morrendo de medo do monstro, fantasma, alma penada, fosse ele o que fosse. Até que chegaram lá embaixo e Dona Julinha abriu a última janela.

Então todos começaram a rir, muito envergonhados.

A Coisa era... um espelho!

Dona Julinha tinha levado o espelho para baixo e tinha coberto com um lençol (Dona Julinha não tinha medo de fantasmas, mas tinha medo de raios...).

Um dia o lençol se despreendeu, caiu e se transformou na... Coisa...

Cada um que descia as escadas, no escuro, via uma coisa diferente no espelho. E todos eles pensavam que tinham visto... a Coisa.

A Coisa eram eles mesmos!

Não ria, não! Você já reparou como um espelho no escuro é esquisito?



Texto retirado do livro “As Aventuras de Alvinho”, Ruth Rocha, ed. Melhoramentos.

Escola: _____

Nome: _____

Data: ____ / ____ / ____

PRODUÇÃO INICIAL – GÊNERO “Conto de Assombração” – 5º ANO

A coisa

A casa do avô de Alvinho era uma dessas casas antigas, grandes, que têm dois andares e mais um velho porão, onde a família guarda tudo que ninguém sabe bem se quer ou não quer.

Um dia Alvinho resolveu ir lá embaixo procurar uns patins que ele não sabia onde é que estavam. Pegou uma lanterna, porque as lâmpadas do porão estavam queimadas, e foi descendo as escadas com cuidado.

No que foi, voltou aos berros:

– Fantasma! Uma coisa horrível! Um monstro de cabelo vermelho e uma luz medonha saindo da barriga.

Ninguém acreditou, está claro! Onde é que já se viu monstro com luz saindo da barriga? Nem em filme de guerra nas estrelas!

Então o vovô foi ver o que havia. E voltou correndo, como o Alvinho.

– A Coisa! - ele gritava. – A Coisa! É pavorosa! Muito alta, com os olhos brilhantes, como se fossem de vidro! E na cabeça uns tufos espetados pra todos os lados!

Nessa altura a família toda começou a acreditar. E tio Gumercindo resolveu investigar. E voltou, como os outros, correndo e gritando:

– A Coisa! É uma Coisa! Com uma cabeça muito grande, um fogo na boca. É muito horrorosa!

O Alvinho já estava roendo as unhas de tanto medo. Dona Julinha, a avó de Alvinho, era a única que não estava impressionada.

– Deixa de bobagem, Alvinho. Pra que este medo? Fantasmas não existem!

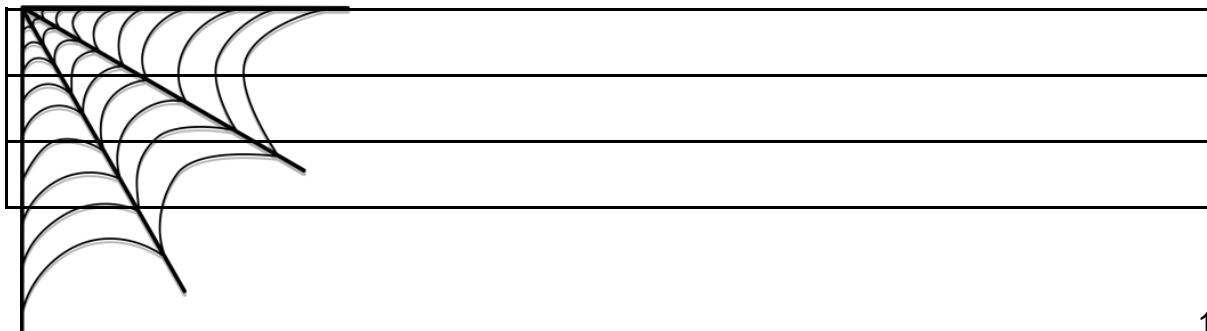
– Mas o meu existe! – disse Alvinho.

– Tá bem, tá bem, eu vou! – disse Dona Julinha. - Eu vou ver o que há...



Texto retirado do livro “As Aventuras de Alvinho”, Ruth Rocha, ed. Melhoramentos.

Continue a história abaixo e lembre-se que, por ser um Conto de Assombração, você deverá criar momentos emocionantes, que prendam a atenção do leitor e um desfecho interessante para a sua história.



Professor

4ª Etapa

- Atividades para conhecimento do gênero e suas características.

5ª Etapa

- Produção inicial e correções necessárias, de acordo com a orientação do professor.

6ª Etapa

- Organizar as avaliações iniciais e finais em um portfólio para análise e verificação do avanço de cada aluno.

6. Avaliação:

Os alunos devem ser avaliados quanto à capacidade de ler, compreender e produzir finais de Contos de Assombração. Anote em seu caderno de registros as dificuldades mais frequentes na produção dos alunos para retomar em momento posterior:

- Problemas ligados ao desconhecimento em relação ao gênero.
- Problemas de falta de informação que prejudicam a compreensão do leitor ou presença de informações contraditórias.
- Problemas ortográficos.
- Inadequação de concordância e tempo verbal.
- Pontuação inadequada ou ausência de pontuação.

Atividades a serem desenvolvidas

1ª Atividade

Professor

Iniciaremos uma sequência de atividades que tem como objetivo principal desenvolver as habilidades de leitura e escrita dentro do gênero textual Conto de Assombração, para isso, nesta atividade faremos uma exploração inicial do gênero, conforme a atividade **3A do livro Ler e Escrever - Contos de Assombração**.

ANTES DA LEITURA

- Converse com os estudantes sobre a finalidade da atividade.
- Oriente-os para que acompanhem a leitura feita pelo(a) professor(a), em um cartaz e/ou projetor multimídia, ou ainda cópia do texto em partes, conforme orientado nesta etapa para garantir o “suspense” da história.
- Inicie a conversa comentando sua escolha, fale do portador, apresente o título do texto que você lerá.
- Peça aos estudantes que antecipem a partir do título sobre o que tratará o texto. Registre essas informações.

- Apresente títulos de outros autores, que abordam características semelhantes, como pista para que os(as) estudantes possam ampliar repertório sobre o gênero a ser trabalhado.

DURANTE A LEITURA

- Realize a leitura fazendo as pausas previamente planejadas por você.
- Elabore perguntas que ajudem os estudantes a construírem inferências buscando a compreensão e o sentido do texto.
- Peça aos estudantes que localizem informações explícitas no texto (Quem são as personagens que aparecem no texto? Qual o local em que acontece a história?).
- Levante e cheque hipóteses (Em que medida suas hipóteses ou inferências foram confirmadas pelo texto?).
- Inferir e ir além do texto (No texto há palavras que você desconhece?).
- Tematizar as respostas dos estudantes e pedir-lhes que indiquem as pistas, no texto e fora dele, que os levaram a chegar às respostas dadas, justificando-as.

DEPOIS DA LEITURA

- Abrir espaço para que os estudantes comentem o que compreenderam do texto, compartilhando suas impressões.
- Permitir que o estudante faça uma análise crítica do texto, recuperando o contexto de produção, as finalidades presumidas no texto, levantando as relações de intertextualidade, interdiscursividade e percebendo, assim, as diferentes linguagens, elaborando a apreciação estética e afetiva em relação aos valores éticos estéticos e políticos da obra. Para que esse movimento seja garantido, é importante você, professor(a), se aproprie de maneira global do texto e do autor, propiciando assim uma discussão significativa.
- Verificar se foi possível articular as informações do conhecimento prévio dos estudantes com aqueles que o texto traz.

Leia o texto com o seu professor:

Texto 1-Teimosia



Fonte: <https://br.freepik.com/search?dates=any&format=search7page=1&query=florista%20&selection=1&sort=popular&type=vector>. Acesso em: 28 out. 2020.

Eu sempre fui alguém levada, teimosa e birrenta. Desde pequena, eu gostava de brincar com tintas e claro, muita bagunça e lambança. Minha mãe às vezes ficava maluca ao ver as coisas que eu fazia, quando, por exemplo, eu tirei terra do vaso e espalhei pelo quintal com as minhas bonecas, fingindo que elas estavam saindo de uma guerra. Mas o tempo passa, e já com dez anos eu comecei a desobedecer aos mais velhos, principalmente quando pediam que eu fizesse coisas das quais eu não gostava. Não foi à toa que eu era repreendida exaustivamente pela minha mãe, Joana, e de vez em quando por meu pai, João, cuja presença em casa era diminuta, visto que ele trabalhava a maior parte do tempo para nos alimentar.

Independente das broncas, a realidade era que eu jamais parei de ser teimosa até os doze anos, quando finalmente meu irmão Lucas nasceu e eu me tornei um tipo de guardiã, carregando-o para cima e para baixo enquanto nossa mãe cuidava de casa. Em Rio Branco, no Acre, as casas eram muito longe uma das outras, e para buscarmos alguns mantimentos, tínhamos que atravessar um caminho de barro cercado de mato. Pelo menos uma vez por semana, lá ia eu com meu irmão no colo para pegarmos os mantimentos e retornarmos logo depois.

Seguindo a cansativa rotina, houve um dia em que eu e Lucas tivemos que buscar um bolo de milho que Dona Chica, do vilarejo, tinha prometido para nossa mãe. O sol já estava se pondo quando estávamos no meio do caminho, mas caminhar no escuro é algo que qualquer pessoa caipira se acostuma, e não seria motivo de deixarmos de comer aquele delicioso bolo. Com Lucas em mãos, cheguei ao vilarejo e peguei a marmita com Dona Chica, uma senhora com mais de setenta anos que adorava cozinhar guloseimas de todos os tipos, que pediu para que eu não abrisse o pote de bolo até que tivéssemos chegado em casa. Independente do aviso, o cheiro era tão delicioso a ponto de eu ter que abrir e comer rapidamente uma lasca úmida.

E novamente minha teimosia foi motivo para que eu fosse repreendida.

— Já tinha ouvido que você era teimosa, mas não desse jeito, menina! Você não respeita os mais velhos, não ouve seus pais, é egoísta! Ah, eu já sei o que fazer com você! — Enquanto falava, Dona Chica desapareceu na escuridão de sua sala e então um rosnado grave passou a ecoar pela casa, como se cães estivessem juntos a ela.

Dona Chica, do meio das sombras, surgiu com o rosto deformado, revelando muitas presas e segurando em sua mão uma guia ligada a uma coleira, que por sua vez flutuava no ar, como se estivesse segurando algo invisível.

— Vou te dar apenas esse recado, menina, pois eu sou a Senhora dos Cães! E é melhor que corra, pois eu enviarei o mais obediente dos meus cães, o Cão dos Indecentes, pois você só aprenderá com uma lição inesquecível!

Em meio àquela situação, Lucas começou a chorar e eu, abalada por ver tamanha monstruosidade, só consegui sair correndo sob o céu coberto por nuvens escuras, seguindo pelo caminho de barro enquanto ouvia o rosnado de um cão atrás de mim. Naquele horário, por algum motivo, não havia mais pessoas, nem mesmo o sinal de animais.

O vento que atravessava o matagal se fortificou. Em desespero, eu pedi perdão por ter sido desobediente e segui pelo caminho, olhando de um lado para outro. Foi quando eu ouvi um rugido e, ao olhar para frente, lá estava um cachorro grande e preto, rosnando e mostrando dentes afiados. Seus olhos brilhavam em carmesim quando ele abaixou a cabeça, aproximando-se lentamente de mim e de Lucas. Tremendo, eu recuei lentamente, mas à medida que eu me distanciava, o

cachorro também avançava. Comecei a perceber que quanto mais ele mostrava os dentes, mais a boca se abria, como se estivesse sendo rasgada dos lados para comportar tamanha quantidade de dentes, uns sobre os outros. Os olhos até então avermelhados foram tomados pela cor preta e após uivar, uma sombra saiu de suas patas e se lançou em todas as direções, paralisando meus pés. Eu pedi misericórdia e implorei para que nada acontecesse comigo e com meu irmão. O cão então ficou sobre as duas patas e de seu peito saiu mais uma boca, revelando caninos tão afiados quanto os da boca original. Verti lágrimas de horror e me lembrei da transformação de Dona Chica, afinal, o que seria a Senhora dos Cães?

Resoluta, abaixei minha cabeça e pedi perdão dezenas de vezes. Cobri os olhos de Lucas, que permanecia chorando e me mantive firme diante do cão. As patas dele sobre a terra pareciam propagar o som de batidas de um martelo contra um prego. Eu sentia sua presença cada vez mais próxima e, quando percebi, seu rosto já estava rente ao meu. Era possível sentir o hálito ácido e fétido, como se sua boca fosse o próprio bueiro, e ouvir o som da sua ira.

— Você é uma criança teimosa, e pessoas teimosas não costumam se dar bem. Eu vim direto das sombras, dos recônditos do lar daqueles que desobedeceram às regras da vida, e te encontrei desobedecendo a um pedido de alguém sábio. Mas sua esperteza parece se destacar em meio a tanta soberba, não é mesmo? Acha-se dona de tudo e de todos. Acha que seus atos não possuem consequências. Hoje, será somente um aviso, em respeito ao teu irmão, que ainda não tem discernimento e está nos braços de alguém inconsequente. Mas, Marina, da próxima vez eu te trarei muito mais do que o mais puro e aterrorizante medo.

Da próxima vez, você terá que arcar com as consequências com o mesmo peso da sua desobediência. Siga em frente, e lembre-se que eu sempre estarei te olhando, seja nas ruas, seja em casa e, quando eu não estiver, saiba que haverá outros em meu lugar.

Terminando de falar, ele rugiu no meu rosto, fazendo com que até mesmo minhas lágrimas chegassem ao ponto de congelar. Desesperada, eu vi o corpo do cão desaparecer como fumaça, e segui andando em linha reta. Meu corpo tremia e Lucas não mais chorava. Foi pouco a pouco que chegamos em casa e entregamos o bolo para minha mãe, que me percebeu pálida. Eu poderia contar o que aconteceu, mas preferi dizer que tudo estava bem, principalmente ao ver a imagem de Dona Chica cercada de cães no meio das árvores para além da nossa propriedade.

“Sabe quem sou eu, menina? Na verdade, acho que é melhor você não entender quem é a Senhora dos Cães...”, ouvi sua voz em pensamento, deixando o pedaço de bolo cair de minhas mãos.



Fonte: Adaptado de https://br.freepik.com/vetores-gratis/um-garoto-assusta-fantasma_4543691.htm. Acesso em: 27 out. 2020.

Texto 2- O BICHO-HOMEM

Danilo de Almeida da Silva

Vovó Juvenalia sempre foi uma mulher peculiar. E eu, bom, eu nunca prestei muita atenção nisso. A única coisa que me importava era estar na companhia dela

para brincar, cantar e ouvir histórias. Sobre esse último, por mais que eu fosse criança, Juvenalia jamais me poupou das lendas de sua terra natal, Itacarambi, em Minas Gerais, geralmente, ou melhor, quase sempre norteadas por acontecimentos sobrenaturais, confusos e inexplicáveis, mas que faziam algum sentido para os mais velhos, inclusive para minha mãe Maria.

Em uma dessas ocasiões, tão logo o sol se pôs em uma aquarela de cores quentes, não demorou muito para que a família se reunisse para saborear um delicioso arroz com frango, feijão, mandioca cozida e, de sobremesa, doce de abóbora, para que no fim restassem somente eu e minha vó fora da casa, sentados em um banco de cimento batido, observando as estrelas cintilarem no céu destituído de nuvens, como se de alguma maneira o tempo tivesse parado para nos contemplar. Foi naquele instante que ela tirou suas sandálias e passou a planta dos pés no chão, brincando com as graminhas que saíam dentre os vãos da calçada, por mais que tal comportamento não fosse lá muito higiênico. Suspirando, ela sorveu o ar fresco com cheirinho de terra e mato molhado, e segurou meu ombro bem forte.

— Sabe, Camilo, essa noite, desse jeito: fria e silenciosa; me faz lembrar de quando eu morava lá em Itacarambi, com meus pais. Minha mãe sempre pediu para que a gente não saísse à noite, porque tem muitas coisas misteriosas que andam por aí e a gente nem sabe o que é. E teve uma criatura com a qual me encontrei, que me dá calafrios até hoje.

— Você pode me contar, vó?

— Sim, mas peço que não tenha medo. O que eu irei contar foi meu encontro com uma criatura assombrosa... o bicho-homem.

— Eu não terei medo... — confirmei, cruzando as pernas sobre o banco enquanto ela tirava um pedaço de papel do bolso, onde estava desenhada uma figura alta e peluda, de olhos vermelhos.

— Tudo começou numa madrugada fria. Minha mãe tinha acabado de fazer o jantar e, como de costume, meu pai chegou cedo, trazendo uma trouxa com a mistura do outro dia. Logo depois de comer, minha mãe fechou a porta e as janelas, e deixou um pouco de comida para os cachorros que ficavam lá fora. Eles eram dois: Tonin e Junin, dois vira-latas, um idoso e o outro mais jovem. Em seguida, cada um foi pro seu quarto e nos deitamos para dormir. Porém, ninguém esperava que aquela noite fosse a mais assombrosa de nossas vidas. Não me contendo de tanta ansiedade, a interrompi imediatamente sem que ela ao menos pudesse concluir:

— Por que vovó, o que houve? Ela, respirou profundamente como se aquela lembrança lhe causasse algum desconforto, mas prosseguiu:

— Com um estrondo tão alto quanto um trovão, nossa porta foi esmurrada por alguém, fazendo com que parte da dobradiça entortasse. Minha mãe, Joana, e meu pai, João, pensaram que fosse um ladrão ou algo do tipo. Mas junto com as batidas, um ruído estranho veio da porta, como se alguém estivesse se engasgando, emitindo um som gultural e maligno.

— Num ímpeto, meu pai pegou a peixeira para nos defender, mas minha mãe não deixou que ele abrisse a porta. Em vez disso, nós ficamos em silêncio até que as batidas parassem, mas, logo depois, elas recomeçaram, agora, nas janelas. Apesar das tentativas de invasão, o que mais trazia angústia era cogitar que algo de ruim acontecesse com nossos cachorros, que ao perceberem a ameaça, não pararam de latir sequer por um segundo. Mas meu pai, que era corajoso, e não ia deixar que nada de ruim acontecesse com a gente. Por isso, ele desobedeceu a

minha mãe e saiu.

— Quando a porta estava aberta, mamãe me segurou no colo e pediu para que eu ficasse calada. E como se fôssemos sombras, esgueiramos a parede, quando de repente vimos papai de frente para algo terrivelmente assustador: uma criatura alta, de braços e pernas rígidas como se não tivesse juntas, de olhos grandes e vermelhos; a pele toda coberta de pelos marrons e orelhas pontiagudas, estendendo as mãos grandes e com unhas longas e afiadas. Nesse momento, percorreu-me um calafrio pelo corpo todo como se alguém estivesse nos observando, porém tentei manter a calma, para que vovó continuasse:

— Ao olharmos para o vão, vimos que somente Junin, o cão mais jovem, estava latindo a um gemido de lamento, pois Tonin, o cão mais velho, encontrava-se desfalecido no chão, aparentemente ferido pela criatura. Enquanto meu pai se posicionava para enfrentar o bicho, Junin avançou e tentou morder as pernas do monstro. Porém, antes que pudesse feri-lo, o cachorro mais novo também foi atingido pelas mãos, ou melhor, pelas unhas da criatura, que se alongaram como se fossem agulhas afiadas, jogando-o para o lado. Meu pai, desnordeado, empunhou a peixeira e preparou-se para contra-atacar. Minha mãe, porém, largou-me no chão e gritou, pedindo para que João recuasse. Meu pai, claramente nervoso, verteu lágrimas ao ver seus cachorros daquela maneira, mas mesmo assim atendeu ao pedido de Joana.

— Parado, o bicho-homem abriu um sorriso, revelando centenas de dentes pontiagudos, como se estivesse feliz por tudo o que havia feito. Todavia, em vez de continuar com as investidas, ele simplesmente virou de costas e começou a ir embora, deixando pegadas escuras no chão, e rodeadas de pelos, até desaparecer no meio da mata.

Muitas perguntas passavam a minha mente nesse momento:

— E agora vovó, o que aconteceu? Ele foi embora? O que ele queria?

— Ninguém entendeu ao certo o que havia acontecido, mas minha mãe, que em algum momento da vida enfrentara o bicho-homem, tratou de esclarecer que ele fora um escravo que morrera nas matas e que, salvo pela natureza, foi transformado em uma criatura perigosa, cuja missão era expulsar aqueles que ousaram construir casas onde só deveria haver a mais pura natureza.

— Desde aquele dia, Camilo, sempre que eu sinto esse cheiro de mato, lembro daquela figura e de quão assombrosa ela era. Esse desenho aqui — ela me entregou o papel —, eu fiz um dia depois do acontecido e sempre guardei comigo para me lembrar que há mais coisas entre o céu e a terra do que as coisas que, de fato, conhecemos.

— Mas, Vó, você viu o bicho-homem de novo depois que ele atacou a casa?

— Nunca mais. Mas dizem que ele anda por aí protegendo as matas. E de alguma maneira, é questão de tempo para que qualquer um que tenha invadido um pedaço esquecido da natureza se encontre com ele. Mas, acho que já chega. Vamos entrar.

Ao entrarmos, Juvenalia fechou a porta e começamos a nos arrumar para dormir.

Observando o desenho, fiquei imaginando como seria ver uma criatura tão imponente, corpulenta e maligna. E em um estado de quase sono, mal fechei os olhos e fui acordado por algumas batidas na porta. Meu coração, de prontidão, acelerou e minha garganta secou, por alguns instantes fiquei paralisado de medo. Aos poucos, desci da cama, abri a porta do quarto e lentamente fui caminhando em

direção à entrada da casa.

Entrando na casa, meu Tio Cláudio foi recepcionado por minha vó. No entanto, apesar de ser ele, como a porta ainda estava aberta, eu consegui enxergar uma figura alta, de olhos vermelhos, saindo do matagal do outro lado da rua, a qual abriu um largo e maligno sorriso do qual eu jamais me esqueci.

2ª Atividade

Professor

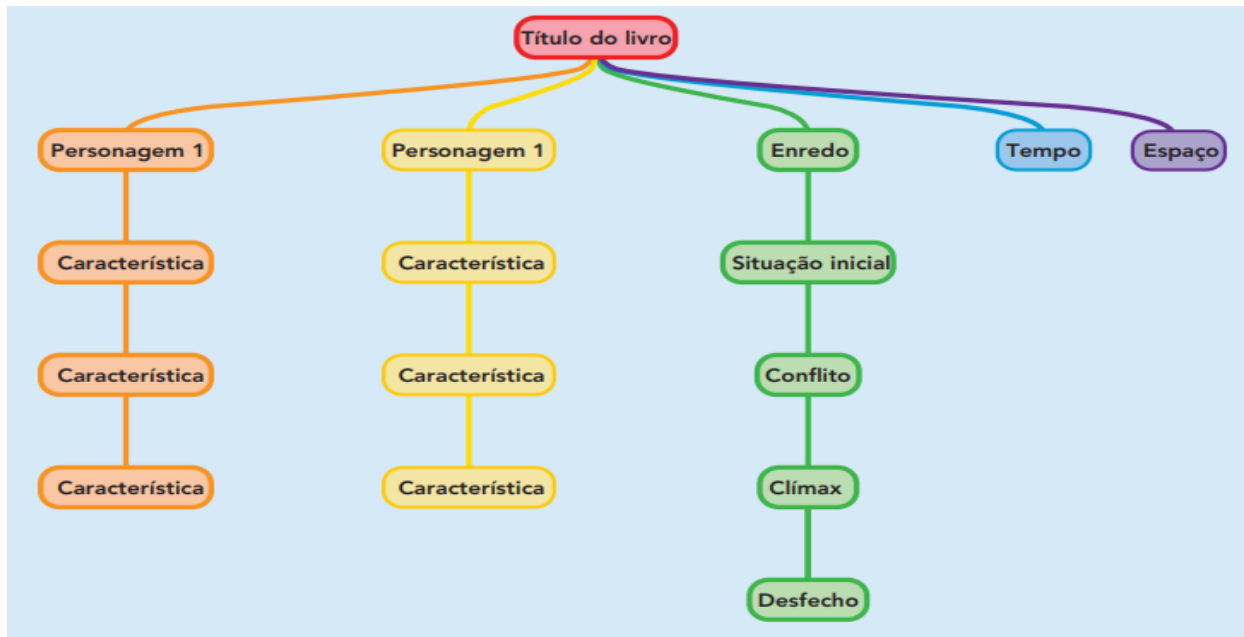
Nesta atividade o objetivo é estudar como os contos de assombração se organizam e quais recursos o autor utiliza. Para isso, faremos uso da atividade 3B do livro Ler e Escrever - Contos de Assombração. Para isso:

- Conversar com os estudantes sobre a finalidade da atividade.
- Retome ou informe os estudantes sobre a elaboração do esquema gráfico, explicando sua finalidade e forma de organização.
- Retome o texto lido, escolhido por você na etapa anterior.
- Apresente o modelo do esquema gráfico a ser construído. Você poderá utilizar a lousa como recurso. Para este momento, é necessário que você prepare fichas com as partes que compõem uma narrativa (enredo, situação inicial, conflito, clímax, desfecho, espaço e tempo, personagens e suas características). Com sua colaboração, os estudantes usarão estas fichas para construir o esquema gráfico e, desta forma, se apropriarão do recurso.
- Solicite aos estudantes que realizem a atividade na coletânea.

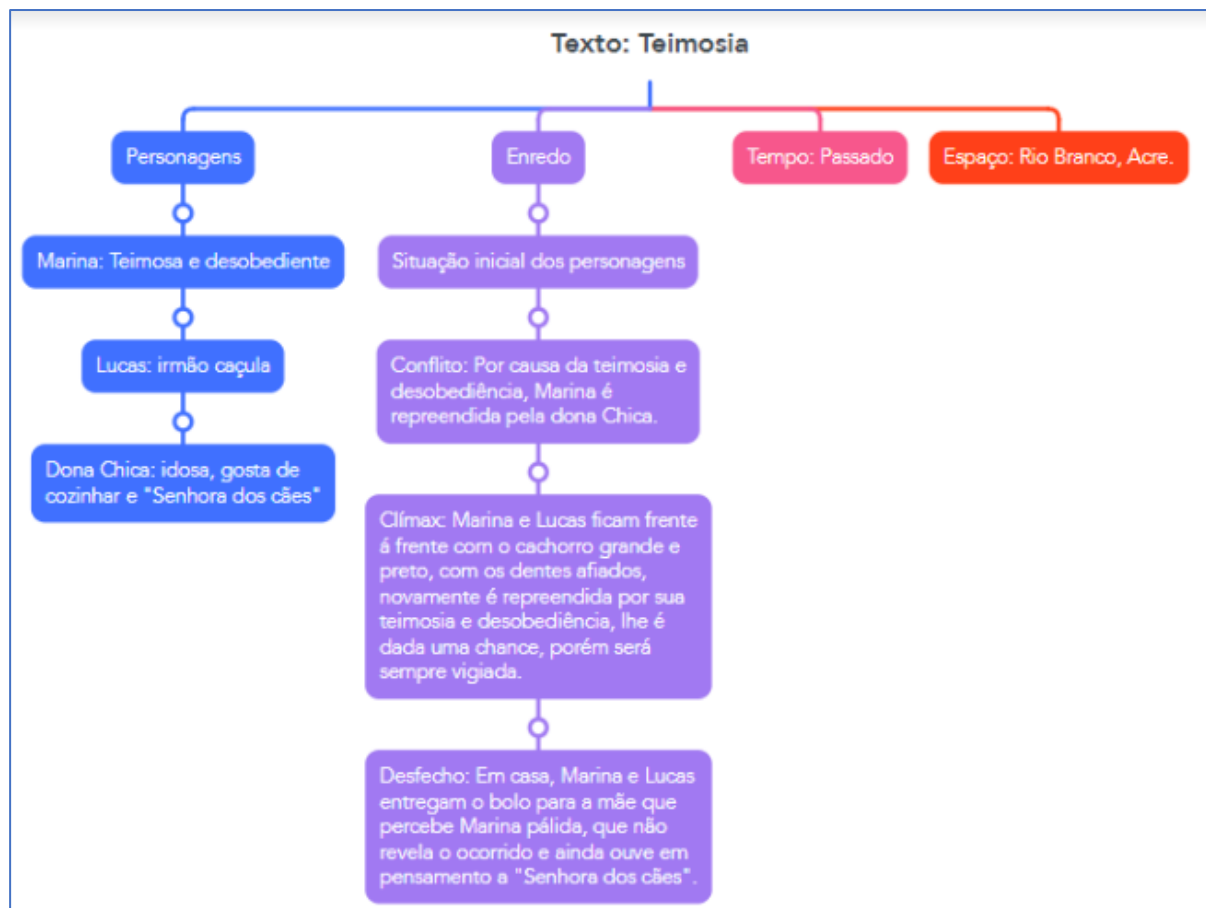
Obs: Professor(a), os recursos a seguir auxiliarão o seu trabalho para a construção do esquema gráfico no aplicativo “cmap tools”, disponível para download no celular. Caso seja possível, sugerimos levar os(as) estudantes à sala de informática para a realização desta atividade, ou ainda a construir coletivamente a partir dos elementos que compõem a narrativa de um texto.

Atividade 3B do livro Ler e Escrever - Contos de Assombração - CONSTRUINDO ESQUEMAS GRÁFICOS

1. Na atividade 3B, você irá estudar como os contos de assombração são organizados e quais recursos que o autor utiliza. Retome, em parceria com seu(sua) professor(a), a leitura do texto “Teimosia”. Analise-o, considerando personagens, enredo, tempo, conflito, desfecho e finalização do conto, utilizando o exemplo de esquema a seguir.



2. Construa um esquema gráfico, em parceria com seu(sua) professor(a), contendo as informações relevantes do texto “Teimosia”. Utilize o espaço abaixo.



3ª Atividade

Professor

Solicitar aos(as) estudantes que leiam os contos anteriormente trabalhado.

- Organizar os(as) estudantes em duplas e explicar que deverão fazer a leitura e comparar os dois contos de assombração, observando as semelhanças e diferenças entre eles e preenchendo uma tabela na coletânea do(a) estudante.
- Coletivamente, socializar o que cada dupla descobriu. Durante a socialização, o(a) professor(a) deverá observar se os(as) estudantes levantaram os seguintes aspectos:
 - Narrador: quem narra a história participa ou não do enredo?
 - Personagens: como as personagens são descritos nos dois contos?
 - Como são apresentados os elementos de assombração?
 - Quais são os temas abordados?
 - Os fatos apresentados são reais ou ficcionais?

- Caso não apareçam, na socialização, os aspectos elencados anteriormente, faz-se necessário que você problematize, com toda a turma, como eles se organizam em cada um dos textos.
- Solicitar que os(as) estudantes escolham um dos contos de assombração lidos por você e oriente-os(as) a produzirem um final diferente para a história. Neste momento, esse final deve ser o mais simples possível, pois o objetivo é possibilitar uma situação de produção de texto em que a ideia (o enredo da história) esteja garantida. Assim, permitimos que os(as) estudantes foquem sua atenção na linguagem escrita, na melhor forma de se comunicar com o(a) leitor(a) que se interessa pela leitura do texto. Preocupar-se com esses aspectos relacionados à linguagem escrita envolve práticas de comportamento escritor, isto é, implica em preocupar-se constantemente com o leitor e com a legibilidade do texto.

Atividade 3C do livro Ler e Escrever - Contos de Assombração – COMPARANDO CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO

1. Para realizar esta atividade, você lerá novamente, em dupla, os contos anteriormente trabalhados em sala de aula. Juntos(as), procurem descobrir o que eles têm em comum e o que têm de diferente. A seguir, organizem, no quadro abaixo, as informações levantadas.

QUADRO COMPARATIVO DOS DOIS CONTOS		
	CONTO 1	CONTO 2

Qual é o enredo do texto?	Marina, menina teimosa e desobediente que recebe uma lição da “Senhora dos cães”.	Camilo ouve uma história da sua avó sobre uma criatura assombrosa.
Onde e quando a história se passa?	Rio Branco, Acre, no passado	Itacarambi, Minas Gerais. Passado da avó e presente de Camilo.
Quem são as personagens?	Marina, Luca, D. Chico, Joana (mãe), João (pai), cão/fera.	Camilo, avó (Juvenália), Maria (mãe), João (pai), Bicho-homem - Cláudio (tio).
O narrador participa da história ou observa os fatos? Justifique com trechos do texto.	Narrador personagem (participa da história) “Eu sempre fui levada.”	Narrador personagem (participa da história) “E eu, bom, eu nunca.”
Qual é o conflito da história? Como ele é resolvido	Por causa da desobediência de Marina ela recebe uma lição, mas ganha uma segunda chance.	A avó de Camilo conta uma história de uma fera que desaparece sem dar explicações.
Como termina?	Marina entrega o bolo para a mãe, mas estava tão assustada que deixou cair o pedaço de bolo.	Camilo recebe a visita do tio Cláudio na hora de dormir, mas como estava com medo vê a figura da fera.
Que outra sugestão você daria para o final da história?	Resposta pessoal.	Resposta pessoal.

2. Após analisar os textos, escolha, junto com o(a) seu(sua) colega, um dos contos apresentados pelo(a) professor(a) na atividade anterior. Escreva, nas linhas abaixo, o parágrafo original com o desfecho original do conto escolhido.

Texto 1-“Sabe quem sou eu, menina? Na verdade, acho que é melhor você não entender quem é a Senhora dos Cães...”, ouvi sua voz em pensamento, deixando o pedaço de bolo cair de minhas mãos.

Texto 2- Entrando na casa, meu Tio Cláudio foi recepcionado por minha vó. No entanto, apesar de ser ele, como a porta ainda estava aberta, eu consegui enxergar uma figura alta, de olhos vermelhos, saindo do matagal do outro lado da rua, a qual abriu um largo e maligno sorriso do qual eu jamais me esqueci.

3. Agora, escreva, em dupla, um final diferente para o conto escolhido.

Resposta Pessoal.

4. Releiam, em dupla, o que escreveram e façam a revisão do texto.

4ª Atividade

Professor

- Buscar outros contos de assombração, com o objetivo de ampliar o repertório da turma. Para esse momento é interessante buscar textos que apresentem cenas de mistérios, enigmas, suspenses, terror, pistas e desfechos coerentes com o processo narrativo desenvolvido. Você pode fazer um registro das palavras selecionadas pertinentes a esse tipo de texto, como: medo, escuro, macabro, sinistro, assombração, terror, suspense, entre outras, e alguns verbos, advérbios e adjetivos, facilitando-lhes a aquisição de repertório.
- Registrar todas as sugestões e deixá-las expostas no papel pardo na classe. O conto de assombração, como toda narrativa, apresenta a seguinte estrutura: exposição do assunto, o lugar onde os fatos acontecem, a intriga e a complicação, o clímax e o desfecho. Fazem parte também da estrutura da narrativa dos contos de assombração, os dois focos narrativos: narrador personagem (em primeira pessoa) e narrador onisciente (em terceira pessoa). Apresente o quadro abaixo aos alunos:

TIPOS DE NARRADOR	
NARRADOR ONISCIENTE	<ul style="list-style-type: none"> • Não participa da história. • Sabe de tudo = onisciente. • Pode ser neutro ou seletivo. • Foco narrativo em 3ª pessoa
NARRADOR OBSERVADOR	<ul style="list-style-type: none"> • Não participa da história. • Relata apenas o que vê, de forma imparcial e objetiva. • Narrador mais comum. • Foco narrativo em 3ª pessoa.
NARRADOR PERSONAGEM	<ul style="list-style-type: none"> • Participa da história. • Protagonista ou personagem secundária. • Visão parcial da história. • Foco narrativo em 1ª pessoa.

- Conversar com os(as) estudantes para apresentação das finalidades da atividade.
- Planejar a atividade, de modo que os(as) estudantes possam colaborar um com o outro; não se esqueça de analisar se a interação entre a dupla é efetivamente produtiva.
- Propor a leitura dos textos pelos(as) estudantes e peça que destaquem os elementos linguísticos que construíram o mistério no conto.
- Levantar os adjetivos que foram usados para caracterizar as personagens e os objetos em cena. Ressaltar as descrições das ações nas quais foram usados períodos curtos. Mostre também a presença dos diálogos, se houver, e o emprego dos verbos no pretérito (passado).
- Solicitar aos(as) estudantes que registrem, em seu caderno, as expressões levantadas coletivamente por vocês.
- Pedir aos(as) estudantes que se reúnam em duplas e complementem a lista de expressões analisando também outros contos entre os que foram lidos até o momento.

O quadro abaixo visa sintetizar e sistematizar algumas características recorrentes desse gênero, que marcam o seu conteúdo temático (o que é possível ser dito em um conto), a sua forma composicional (como se organiza o texto) e o seu estilo (quais os recursos da língua usados para se transmitir a mensagem). Cabe destacar que a separação desses elementos constitutivos do gênero tem finalidade didática, visto que esses elementos interagem, dialogam entre si e confluem para a construção do que chamamos de conto.

CONTEÚDO TEMÁTICO

O conto apresenta um conteúdo didático. Esse conteúdo pode vir organizado de modo a enfatizar a sequência narrativa estabelecendo a causalidade entre as partes.

FORMA COMPOSICIONAL

Em prosa, os contos se organizam como uma narrativa concisa: há uma ação que se desenvolve por meio do estabelecimento de um conflito, em geral de natureza misteriosa, de suspense. A ação do conto é episódica. Apresenta poucos episódios, que se constituem em cenas misteriosas, inesperadas, surpreendentes, dinâmicas, enigmáticas. O tempo reduzido constitui-se em um eixo relevante, que contribui para o desenvolvimento do dinamismo da ação

ESTILO

A narração pode aparecer em 1ª ou 3ª pessoa. O narrador, com certa frequência, se coloca pessoalmente em 1ª pessoa. A escolha das personagens colabora para o clima de assombração e mistério. Nos contos as personagens podem ser fantasmas, espíritos que criam atmosfera de medo, suspense e fatos sinistros cujas respostas aos mistérios que circundam as personagens, pelas suspeições do leitor, recaem sobre o limite entre o mundo conhecido e o mundo imaginário. Os ambientes são sombrios e aparecem expressões como: no cair da noite, em: uma rajada de vento, o canto da ave noturna, ruído de passos entre outros. A linguagem emprega a variedade padrão da língua e os verbos no pretérito, adjetivação, advérbios e locuções adverbiais, marcadoras do tempo. Frases curtas, discurso direto predominantemente.

Atividade 3D do livro Ler e Escrever - Contos de Assombração – AMPLIANDO O REPERTÓRIO

1. Após a leitura dos contos, analise, em parceria com seu(sua) professor(a), os recursos que o autor utilizou para a construção dos textos, com o fim de criar suspense, tornar as histórias assombrosas, descrever as personagens, a ambientação e marcar o tempo.

2. Após a análise, registre os aspectos indicados no quadro.

QUADRO DE ANÁLISE DOS RECURSOS USADOS PELOS AUTORES		
	Conto 1	Conto 2
Recursos usados para criar suspense	“...Enquanto falava D. Chica desapareceu...”	“...Essa noite, desse jeito: fria e silenciosa...”
Recursos usados para assustar	“...Tremendo, eu recuei lentamente...”	“...Percorreu-me um calafrio pelo corpo todo...”
Recursos usados para a descrição das personagens	Adjetivos: teimosia, desobediência.	Adjetivo: peculiar.
Recursos usados para a descrição do ambiente	Casas muito longe umas das outras, caminho de barro cercado de mato.	Fora de casa na calçada.
Recursos usados para marcar o tempo	...Mas o tempo passa... ...Hoje em dia...	...jamais me esqueci...

5ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos realizarão a reflexão sobre os contos de assombração, para isso, solicite que realizem a leitura do trecho de um dos contos do livro “Sete contos de arrepiar” – A lição da caveira e respondam às questões.

1. Leia o texto abaixo.

A lição da caveira

Há muito tempo, numa noite sem lua, ia um homem por uma estrada deserta e assombrosa. Nela havia um cemitério muito velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra, dando ao lugar um aspecto assustador.

Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou uma caveira quase à beira do caminho. Teve uma ideia sem ver nem pra quê: resolveu testar sua coragem diante do sobrenatural. Aproximou-se e, agachando-se, deu uma pancadinha com o nó do dedo no crânio alvo, perguntando, em tom de brincadeira:

- Caveira, quem a matou?

Como era de se esperar, não ouviu nenhuma resposta. Mas ele continuou com o gracejo:

- Caveira, quem a matou?

Nada outra vez. Então ele a apanhou, levou à altura do rosto e, dando vigorosas sacudidas, repetiu a pergunta.

Dessa vez, porém, foi diferente. Movendo a queixada esbranquiçada, a caveira lhe respondeu num tom soturno:

- Foi minha líiiiiínguaaa!



Flávio Morais. Trecho extraído do livro: Sete contos de arrepiar. Rio de Janeiro, Rocco, 2006. p. 12-15.

Trocando informações sobre o texto

Professor:

Anote na lousa as respostas dos alunos, solicitando que eles a registrem no caderno do aluno.

2. Releia o texto e responda às questões abaixo:

a) Qual o título do texto?

Caveira misteriosa.

b) Qual palavra deste título indica que o conto é de assombração?

Podemos considerar que as duas palavras indicam possibilidade de assombro, porém a palavra "caveira" remete-se diretamente aos contos de assombração.

c) No primeiro parágrafo, aparecem algumas palavras e expressões de arrepiar. Sublinhe-as e, depois, copie-as.

Há muito tempo, numa noite sem lua, ia um homem por uma estrada deserta e sombrosa. Nela havia um cemitério muito velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra, dando ao lugar um aspecto assustador.

d) Você percebeu que a personagem principal da história não tem nome? Que nome você daria para ele?

Resposta pessoal.

e) Na sua opinião, o que vai acontecer com o homem da história? Por quê?

Resposta pessoal.

Professor

Após essa atividade, retome o texto e observe, com a turma, a estrutura de um Conto de Assombração.

A narrativa é construída de modo a causar forte tensão e criar expectativas no leitor, prendendo-lhe a atenção e deixando-o curioso a respeito de como será o desfecho dos acontecimentos.

O enredo é construído pela sequência de fatos que mantêm entre si uma relação de causa e efeito e que tem como estrutura:

- situação inicial (introdução)
- conflito (desenvolvimento)
- clímax (momento de maior tensão)
- desfecho (conclusão)

6ª Atividade

Professor

Nesta atividade, os alunos farão a compreensão leitora do texto. Antes de iniciar essa atividade, leia para a turma, novamente, o conto utilizado na avaliação diagnóstica socializando também a parte final.

Aprendendo e compreendendo

Leia o texto com o seu professor e depois responda às questões.

A coisa

A casa do avô de Alvinho era uma dessas casas antigas, grandes, que têm dois andares e mais um velho porão, onde a família guarda tudo que ninguém sabe bem se quer ou não quer.

Um dia Alvinho resolveu ir lá embaixo procurar uns patins que ele não sabia onde é que estavam. Pegou uma lanterna, porque as lâmpadas do porão estavam queimadas, e foi descendo as escadas com cuidado.

No que foi, voltou aos berros:

– Fantasma! Uma coisa horrível! Um monstro de cabelo vermelho e uma luz



medonha saindo da barriga.

Ninguém acreditou, está claro! Onde é que já se viu monstro com luz saindo da barriga? Nem em filme de guerra nas estrelas!

Então o vovô foi ver o que havia. E voltou correndo, como o Alvinho.

– A Coisa! - ele gritava. – A Coisa! É pavorosa! Muito alta, com os olhos brilhantes, como se fossem de vidro! E na cabeça uns tufos espetados pra todos os lados!

Nessa altura a família toda começou a acreditar. E tio Gumercindo resolveu investigar. E voltou, como os outros, correndo e gritando:

– A Coisa! É uma Coisa! Com uma cabeça muito grande, um fogo na boca. É muito horrorosa!

O Alvinho já estava roendo as unhas de tanto medo. Dona Julinha, a avó de Alvinho, era a única que não estava impressionada.

– Deixa de bobagem, Alvinho. Pra que este medo? Fantasmas não existem!

– Mas o meu existe! – disse Alvinho.

– Tá bem, tá bem, eu vou – disse Dona Julinha. Eu vou ver o que há...

E Dona Julinha foi tirar a limpo o que estava acontecendo. Foi descendo as escadas devagar, abrindo as janelas que encontrava.

A família veio toda atrás, assustada, morrendo de medo do monstro, fantasma, alma penada, fosse ele o que fosse. Até que chegaram lá embaixo e Dona Julinha abriu a última janela.

Então todos começaram a rir, muito envergonhados.

A Coisa era... um espelho!

Dona Julinha tinha levado o espelho para baixo e tinha coberto com um lençol (Dona Julinha não tinha medo de fantasmas, mas tinha medo de raios...).

Um dia o lençol se desprendeu e caiu e se transformou na... Coisa...

Cada um que descia as escadas, no escuro, via uma coisa diferente no espelho. E todos eles pensavam que tinham visto... a Coisa.

A Coisa eram eles mesmos!

Não ria, não! Você já reparou como um espelho no escuro é esquisito?

Texto retirado do livro "As Aventuras de Alvinho", Ruth Rocha, ed. Melhoramentos.

1) O que a família de Alvinho guardava no porão?

Família guardava tudo que ninguém sabe bem se quer ou não quer.

2) Por que Alvinho pegou uma lanterna? O que ele queria fazer?

Alvinho resolveu ir ao porão para procurar uns patins que ele não sabia onde é que estavam. Pegou a lanterna, porque as lâmpadas do porão estavam queimadas.

3) O que Alvinho pensou ter visto no porão?

Um fantasma, uma coisa horrível, um monstro de cabelo vermelho e uma luz medonha saindo da barriga.

4) Qual era a única pessoa da família que não ficou impressionada com o que havia no porão?

Dona Julinha, a avó de Alvinho.

5) O que era na verdade “A Coisa” que assustava a todos?

A “Coisa” era um espelho que dona Julinha havia guardado há muito tempo e coberto com um lençol.

7ª Atividade

Professor

Esta atividade procura ampliar o vocabulário do gênero e retomar conceitos básicos como: ortografia, ordem alfabética e busca no dicionário.

É importante que antes dessa atividade, você entregue aos alunos o dicionário, para que observem a sua organização estrutural, peça para que encontrem uma determinada palavra e verifique se os alunos retomam os conhecimentos de busca neste material, caso contrário, faça uma atividade coletiva, buscando com eles o significado da palavra.

Um dicionário de arrepiar

Vamos montar um dicionário de arrepiar, reunindo as palavras e expressões que encontrarmos nos contos que vamos ler e nas pesquisas que iremos fazer?

A ideia é que cada um da turma tenha um caderno cheio de palavras de arrepiar, organizadas como num dicionário e acompanhadas de outras palavras que tenham sentido semelhante a elas ou uma explicação sobre o que significam.

A ordem das palavras nos dicionários

Com o objetivo de organizar e facilitar a procura pelas palavras nos dicionários, elas são colocadas em ordem alfabética. Portanto, faremos uso dessa organização para o dicionário da nossa turma!

Copie na coluna da esquerda as palavras e expressões de arrepiar que você for encontrando nos textos. Quando a coluna estiver preenchida coloque-as em ordem alfabética na coluna da direita.

Palavras e expressões de arrepiar.	Palavras e expressões de arrepiar em ordem alfabética.

Observações

Verifique que os dicionários precisam levar em conta não só a primeira letra das palavras, mas também organizar as palavras de acordo com a ordem da segunda, terceira e até quarta letra.

Professor

Retome com os alunos as palavras do dicionário de arrepiar e caso os alunos apresentem dúvidas quanto ao significado de alguma delas, peça que procurem no dicionário e anotem no quadro de observações.

8ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos colocarão em prática os conhecimentos sobre a estrutura do gênero, ou seja, para colocar o texto que está “fatiado” na ordem correta, deverão observar: o título, a situação inicial, o desenvolvimento e o clímax.

Desembaralhando os parágrafos em duplas

O texto abaixo já foi utilizado por você em uma etapa anterior, porém, agora ele está embaralhado, para que você teste seus conhecimentos sobre a estrutura do conto de assombração.

Para isso, recorte as tiras e, sem olhar a história lida, coloque-as em ordem, colando-as na folha a seguir.

Professor

Aproveite para circular pela sala e observe como os alunos estão organizando o texto, faça as intervenções necessárias.



Dessa vez, porém, foi diferente. Movendo a queixada esbranquiçada, a caveira lhe respondeu num tom soturno:
- Foi minha lííííínguaaa!



A lição da caveira



Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou uma caveira quase à beira do caminho. Teve uma ideia sem ver nem pra quê: resolveu testar sua coragem diante do sobrenatural. Aproximou-se e, agachando-se, deu uma pancadinha com o nó do dedo no crânio alvo, perguntando, em tom de brincadeira:

- Caveira, quem a matou?



Como era de se esperar, não ouviu nenhuma resposta. Mas ele continuou com o gracejo:

- Caveira, quem a matou?

Nada outra vez. Então ele a apanhou, levou à altura do rosto e, dando vigorosas sacudidas, repetiu a pergunta.



Há muito tempo, numa noite sem lua, ia um homem por uma estrada deserta e sombria. Nela havia um cemitério muito velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra, dando ao lugar um aspecto assustador.

Agora, você e seu(sua) parceiro(a) lerão o texto colocado em ordem e verificarão se ficou compreensível. Se não estiver, mude a ordem das partes até que o texto fique com sentido. Depois de acertar a ordem, colem as tiras no caderno de português.

A lição da caveira

Há muito tempo, numa noite sem lua, ia um homem por uma estrada deserta e sombria. Nela havia um cemitério muito velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra, dando ao lugar um aspecto assustador.

Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou uma caveira quase à beira do caminho. Teve uma ideia sem ver nem pra quê: resolveu testar sua coragem diante do sobrenatural. Aproximou-se e, agachando-se, deu uma pancadinha com o nó do dedo no crânio alvo, perguntando, em tom de brincadeira:

- Caveira, quem a matou?

Como era de se esperar, não ouviu nenhuma resposta. Mas ele continuou com o gracejo:

- Caveira, quem a matou?

Nada outra vez. Então ele a apanhou, levou à altura do rosto e, dando vigorosas sacudidas, repetiu a pergunta.

Dessa vez, porém, foi diferente. Movendo a queixada esbranquiçada, a caveira lhe respondeu num tom soturno:

- Foi minha lííííínguaaa!

9ª Atividade

Professor

Esta atividade iniciará os estudantes no percurso da produção de texto, observando as informações do texto original e criando suas próprias histórias. Observarão a relação do título com a história e seu personagem “assombroso”.

Produzindo uma história diferente

Retome a história da atividade anterior. O segundo parágrafo informa que o homem encontrou uma caveira, mas mudaremos este trecho!

Em dupla, imaginem que ele tenha encontrado algo diferente, mas que ainda assim seja de arrepiar!!! Portanto, continuem a história, substituindo “a caveira” pelo que vocês imaginaram. (...)

Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou _____

Com a modificação que você e seu parceiro fizeram, o título do conto precisa ser modificado, não é? Escreva, abaixo, o título que vocês consideram mais adequado para o parágrafo que criaram.

Neste momento é importante que os alunos percebam o quanto o título tem relação com a personagem “assombroso” do conto, revelando algum aspecto sobre ele.

Professor

Após a finalização da atividade, organize um círculo com os alunos para que compartilhem os trechos que criaram.

10ª Atividade

Professor

Nesta atividade os estudantes conhecerão mais um trecho do texto, porém ainda sem o desfecho, e deverão produzir mais uma parte da história.

Vamos continuar a ler “A lição da caveira”, um dos contos de arrepiar escrito por Flávio Morais. Será que o homem ficou muito assustado com a fala da caveira? O que será que aconteceu?

Por aquilo o homem não esperava. Tomado pelo pavor, largou imediatamente o macabro objeto e afastou-se impressionado com o que acontecera. Beliscou-se. Não

11ª Atividade

Professor

Nesta atividade os estudantes refletirão sobre o vocabulário típico do gênero. Explorarão o significado e os sinônimos utilizados, a fim de garantir mais coesão textual.

Pensando nos sentidos das palavras

1- Analise a frase abaixo.

a) “Tomado pelo pavor, largou imediatamente o **macabro** objeto e afastou-se[...] Qual a palavra, do quadro abaixo, poderia substituir a que está em destaque na frase? Reescreva-a utilizando a palavra escolhida.

curioso - assustador - horrível - engraçado -

terrível - impressionante - atraente.

b) “Olhou para trás e a **avistou**.”

Qual a palavra, do quadro abaixo, poderia substituir a que está em destaque na frase? Reescreva-a utilizando a palavra escolhida.

vê - viu - verá - chamou - conheceu - encontrou.

2- Agora, escreva nos espaços em branco as palavras da lista que podem substituir o que aparece no texto original sem alterar o sentido.

Por aquilo o homem não esperava. Assustado, largou imediatamente o macabro objeto e afastou-se apavorado com o que acontecera. Beliscou-se. Não estava

maluco; nem sonhando. A caveira realmente havia falado. Tinha certeza daquilo. Olhou para trás e a avistou. Parecia encará-lo com aqueles enormes buracos escuros. Um calafrio percorreu-lhe a espinha. Caminhou o resto da noite até que, o amanhecer, chegou a um vilarejo.

maluco – apavorado – vilarejo – Assustado - calafrio

12ª Atividade

Conhecendo o final da história

Professor

Leia o conto na íntegra para que os alunos possam conhecer como o autor dá continuidade a ele e peça que os alunos sublinhem as palavras de arrepiar e copiem no dicionário da **atividade 5**.

A LIÇÃO DA CAVEIRA

Há muito tempo, numa noite sem lua, ia um homem por uma estrada deserta e sombria. Nela havia um cemitério muito velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra, dando ao lugar um aspecto assustador.

Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou uma caveira quase à beira do caminho. Teve uma ideia sem ver nem pra quê: resolveu testar sua coragem diante do sobrenatural. Aproximou-se e, agachando-se, deu uma pancadinha com o nó do dedo no crânio alvo, perguntando, em tom de brincadeira:

- Caveira, quem a matou?

Como era de se esperar, não ouviu nenhuma resposta. Mas ele continuou com o gracejo:

- Caveira, quem a matou? – Nada outra vez. Então ele a apanhou, levou à altura do rosto e, dando vigorosas sacudidas, repetiu a pergunta.

Dessa vez, porém, foi diferente. Movendo a queixada esbranquiçada, a caveira lhe respondeu num tom soturno:

- Foi minha lííííínguaaa!

Por aquilo o homem não esperava. Tomado pelo pavor, largou imediatamente o macabro objeto e afastou-se impressionado com o que acontecera. Beliscou-se. Não estava louco; nem sonhando. A caveira realmente havia falado. Tinha certeza daquilo. Olhou para trás e a avistou. Parecia encará-lo com aqueles enormes buracos escuros. Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Caminhou o resto da noite até que, o amanhecer, chegou a um lugarejo.

Casebres espalhados, velhos e malcuidados; parecia que a vilazinha havia parado no tempo, imersa numa atmosfera estranha. Naquela hora da manhã as pessoas começaram a sair das casas para os seus afazeres diários. Ao notarem a presença do desconhecido, dele se aproximaram, cheios de curiosidade.

Pois bem. Mal abriu a boca foi ele logo dizendo que tinha ouvido uma caveira falar no velho cemitério. E o povo dali, muito influenciável, tornou aquilo a principal notícia do dia. Tão impressionados ficaram que, certa manhã, formando uma

pequena multidão, foram pedir ao forasteiro que os levasse ao cemitério e repetisse a façanha.

O homem, satisfeito com a fama que havia adquirido no seio daquele povo simples e ingênuo que o tinha como um santo milagroso, e crente de que conseguiria repetir o estranho feito, aceitou o pedido da comitiva. Partiram, então, imediatamente para o lugar onde ocorrera o fenômeno.

Era mais de meio-dia quando chegaram ao local.

Ali o forasteiro organizou todo o povo em círculo, no meio do cemitério. Apanhou a mesma caveira que havia largado dias antes e, para impressionar a excitada plateia, gritou com uma voz rouca e profunda.

- Caveira, quem a matou?

Nada.

- Caveira, quem a matou? – repetiu.

Outra vez, nenhuma resposta. O povo, inquieto, começou a se rebelar e o homem, já nervoso, explicou que antes a caveira só lhe respondera quando havia feito a pergunta pela terceira vez. Todos, então, se acalmaram aguardando cheios de expectativas. Já suado e nervoso, tornou a gritar:

- Vamos, caveira, responda para esta gente! Quem a matou?

Mais uma vez, porém, o silêncio foi a resposta.

Dessa vez um silêncio mortal. O homem percebeu, assustado, a multidão que se sentiu ludibriada caminhar em sua direção. Olhos vidrados, expressão furiosa nos rostos, andavam lentamente, como uma turba de mortos-vivos. Pegavam o que podiam no chão: paus, pedras, restos de cruzeiros, ossos. Enquanto fechavam o cerco em redor do assombrado estranho, esbravejavam, em coro, chamando-o de mentiroso, embusteiro e enganador.

O povo enfurecido parecia dominado por alguma força sobrenatural. Usando os objetos como armas, investiu contra o forasteiro. Foi um massacre. Nada deteve a multidão, que, a cada súplica do infeliz, parecia mais revoltada.

Depois do ataque, cada agressor retirou-se do local. Lá abandonaram aos abutres o corpo do forasteiro.

Quando, ao cair do sol, o local voltou a ficar deserto e silencioso, a caveira, então, soltou uma estridente gargalhada e disse:

- Eu não falei que a língua matava?

Flávio Moraes. Em: "Sete contos de arrepiar"

Qual é a lição da caveira?

O que você achou da lição da caveira? Foi surpreendente ou você já esperava um desfecho como este?

Afinal de contas, qual é a lição da caveira?

Dicionário de arrepiar

Das palavras de arrepiar que você sublinhou durante a leitura feita pelo professor, copie em seu dicionário aquelas que ainda não estão lá.

13ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos farão a compreensão leitora de um conto de assombração, observando seu conteúdo temático, estrutural e sua linguagem.

Conhecendo mais um conto

Conhecendo um pouco mais sobre o gênero. Acompanhe a leitura do professor (a) e responda às questões.

O MÉDICO FANTASMA

Esta história tem sido contada de pai para filho na cidade de Belém do Pará. Tudo começou numa noite de lua cheia de um sábado de verão.

Dois garotos conversavam sentados na varanda da casa de um deles.

— Você acredita em fantasma? — perguntou o mais novo.

— Eu não! — disse o outro.

— Acredita sim! — insistiu o mais novo.

— Pode apostar que não — replicou o outro.

— Tudo bem. Aposto minha bola de futebol que você não tem coragem de entrar no cemitério à noite.

— Ah, é? — disse o garoto que fora desafiado. Pois então vamos já para o cemitério, que eu vou provar minha coragem.

Assim, os dois garotos foram até a rua do cemitério. O portão estava fechado. O silêncio era profundo. Estava tão escuro... Eles começaram a sentir medo.

Para ganhar a aposta, era preciso atravessar a rua e bater a mão no portão do cemitério. O garoto que tinha topado o desafio correu. Parou na frente do portão e começou a fazer careta para o amigo. Depois se encostou ao portão e tentou bater a mão nele. Foi quando percebeu que ela estava presa.

— Socorro! Alguém me ajude! — ele gritou, desmaiando em seguida.

Nisso apareceu um velho vindo do fundo do cemitério, abriu o portão e chamou o outro menino.

— Seu amigo prendeu a manga da camisa no portão e desmaiou de medo. Coitadinho, pensou que algum fantasma o estivesse segurando.

O garoto reparou que o velho era muito magro, quase transparente.

— Obrigado. Como é que o senhor se chama?

— Eu sou o médico daqui. Vou acordar seu amigo.

O velho passou a mão na cabeça do menino desmaiado e ele despertou na mesma hora.

— Vão pra casa, meninos — ele disse. Já passou da hora de dormir.

E foi assim que os meninos perceberam que tinham conhecido um fantasma e entenderam que não precisavam ter medo de fantasmas, pois esses, apesar de misteriosos, são do bem.



Entendendo o texto:

01 – Qual é o título do texto? E qual é o tema?

O título é “O médico fantasma” e o tema principal é o medo de fantasma.

02 – Esse é um texto narrativo, informativo ou descritivo?

Texto narrativo.

03 – Quantos e quais são as personagens do texto?

São três as personagens: o menino mais novo, o menino mais velho e o médico fantasma.

04 – Quem é o autor do texto?

Heloísa Prieto.

05 – Quantos parágrafos tem o texto?

20 parágrafos.

06 – Se algum amigo lhe desafiasse, assim como no texto, você aceitaria? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal do aluno.

07 – Reescreva o último parágrafo do texto, criando um final diferente.

Resposta pessoal do aluno.

08- Assinale a alternativa correta:

a) No início do texto, os garotos estavam

() na escola, brincando no recreio.

() na porta do cemitério.

(X) sentados na varanda na casa de um deles.

b) Por que os meninos decidem ir ao cemitério?

() Para acompanhar um enterro.

(X) Devido a uma aposta que fizeram valendo uma bola de futebol.

() devido a uma aposta que fizeram valendo uma bola de basquete.

c) O que era necessário para ganhar a aposta?

(X) Atravessar a rua e bater a mão no portão do cemitério.

() Atravessar a rua e entrar no cemitério.

() Atravessar a rua e chamar pelos fantasmas no portão do cemitério.

d) Depois de encostar no portão, a mão do garoto ficou presa e ele

() conseguiu se soltar rapidamente.

(X) gritou e desmaiou em seguida.

() ficou mudo e desmaiou em seguida.

09- O médico fantasma é uma história sobre medo, um “Conto de assombração”. Descreva o momento mais assustador da história.

Resposta pessoal, porém, possivelmente os alunos descreverão o clímax: quando a mão do menino ficou presa no portão.

10- Você ficou com medo? Por quê?

Resposta pessoal do aluno.

11- Como os meninos perceberam que o velhinho era um fantasma?

Quando ele passou a mão sobre a cabeça e o menino despertou na mesma hora.

12- Por que o desafio era ter que ir ao cemitério à noite? Você aceitaria este desafio? Por quê?

Resposta pessoal do aluno.

13 – Você já passou por uma situação assustadora? Era um medo real ou imaginário? Conte aqui a sua história.

Resposta pessoal do aluno.

14- No trecho “O velhinho passou a mão na cabeça do menino desmaiado e **ele** despertou na mesma hora.” a palavra destacada refere-se

(A) ao velhinho.

(B) ao menino.

(C) ao cemitério.

(D) ao pai do menino.

14ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos farão a compreensão leitora de um conto de assombração, observando seu conteúdo temático, estrutural e sua linguagem. A partir dessa análise, produzirão um final para o conto.

Histórias de assombrar!

Nas atividades 14 e 15, vamos ler duas histórias que foram adaptadas do livro histórias da avozinha, escrito por Figueiredo Pimentel. Acompanhe a leitura do professor, seguindo-a com atenção, para depois responder as questões.

Texto 1

A casa mal-assombrada

Isolada de outras habitações havia uma casa onde ninguém morava, _____ se dizia que era mal-assombrada; à meia-noite ouviam-se ruídos de correntes, gritos, gemidos e suspiros, e uma luzinha brilhava, ora numa janela, ora noutra. O proprietário não achava alugador, e ele mesmo não queria saber dela, que ia se arruinando pouco a pouco.

Um dia, procuraram-no duas mulheres – mãe e filha – muito pobres, que acabavam de ser expulsas da casinha em que moravam. Pediam-lhe licença para ocupar a casa mal-assombrada.

O homem admirou-se daquele pedido, e, depois de avisá-las dos perigos que corriam, consentiu sem dificuldade.

As duas mulheres no mesmo dia mudaram-se.

Eram onze horas da noite quando foram se deitar, nada tendo visto nem ouvido de extraordinário. A mãe, como já era velha, e se sentia cansada das arrumações, dormiu logo. A filha, porém, ficou acordada, rolando na cama, sem conseguir adormecer.

Uma hora depois, ouviu o sino da matriz bater meia-noite. No mesmo instante a moça escutou um ruído estranho, enquanto uma voz gemia:

— Eu caio!... Eu caio!...

Ela olhou para cima, de onde parecia vir a voz. Nada viu, mas disse:

— Pois caia, com Deus!

Do teto do quarto caíram duas pernas.

A mesma voz assim falou mais três vezes, e a moça, dando sempre a mesma resposta, viu cair sucessivamente o tronco, os braços e a cabeça de um homem.

Os quatro pedaços reuniram-se, e apareceu uma criatura humana, tão pálida como um cadáver, que lhe falou:

— Se não tens medo, vem comigo.

Adelaide acompanhou-o atravessando toda a casa, até chegarem ambos ao quintal.

a) No primeiro parágrafo do texto a palavra que completa corretamente o texto é:

- (A) por que.
- (B) por quê.
- (C) porquê.
- (D) porque.

O que aconteceu com Adelaide?

Adelaide foi mesmo corajosa, não é? Imagine o que aconteceu no quintal, escreva no espaço abaixo.

Socialize com a classe sobre o destino de Adelaide.

No final das contas - Acompanhe a leitura que seu professor (a) irá fazer do final do conto.

Professor

Leia o final do conto para sua turma:

Aí, debaixo de um tamarindeiro, o morto mandou-a cavar a terra, encontrando uma lata com dinheiro, que transportaram para dentro.

Chegando ao quarto, disse-lhe o defunto:

— Eu sou uma alma penada, que ando sofrendo por causa deste dinheiro. Quando era vivo, roubei-o de uma pobre viúva, desgraçando-a, bem como aos órfãos, seus filhos. Deste dinheiro, a metade é para você e sua mãe, e a outra metade é para distribuir com os pobres, e mandar dizer cem missas por minha alma.

Acabando de falar, a alma penada desapareceu.

Adelaide fez tudo o que ele havia mandado, e ficou rica para o resto de sua vida.

Pesquisa e atualização ortográfica: Iba Mendes (2021)

Depois de ler a história, que título você daria? Coloque sua sugestão na linha abaixo:

Resposta pessoal

As palavras de arrepiar

Agora, encontre e marque no conto quatro palavras e expressões que estão geralmente presentes nas histórias de assombração. Complete o parágrafo abaixo com as que você encontrou.

Palavras e expressões como: _____
_____, _____
e _____ são muito comuns nos contos de
assombração.

Você consegue imaginar esta cena?

Do teto do quarto caíram duas pernas.
A mesma voz assim falou mais três vezes, e a moça dando sempre a mesma
resposta, viu cair sucessivamente o tronco, os braços e a cabeça de um homem.
Os quatro pedaços reuniram-se, e apareceu uma criatura humana, tão pálida
como um cadáver[...]

Responda às perguntas com os elementos da cena que você imaginou e complete
as frases.

a) Como eram as pernas? Como e onde elas caíram? Que barulho fizeram ao cair?

As duas pernas eram _____ e caíram
_____, fazendo um barulho _____.

Respostas pessoais.

b) Como era a voz? em que altura ela falou?

A voz _____ falou _____
mais três vezes. **Respostas pessoais.**

c) O que a moça sentiu? O que ela quis fazer?

A moça, ao ver os pedaços caírem, ficou _____
e quis _____. **Respostas pessoais.**

15ª Atividade

Professor

Esta atividade dá continuidade à anterior, nela os alunos farão a compreensão
leitora de outra versão do mesmo conto de assombração, observando seu conteúdo
temático, estrutural e sua linguagem.

Identificando as características do conto

Leia uma outra versão da história que você leu na atividade anterior.

GASPAR, EU CAIO!

Noite escura no mato. Estrada de terra sem uma alma. O
vento gemendo pelos galhos e as nuvens passando nervosas,
querendo chover.

Um homem vem vindo lá longe. Devagarinho. Sem lua nem estrela para
iluminar a viagem.



Vem de sacola pendurada no ombro e, na mão, um pau de matar cobra.
Trovoada. Os pingos da chuva principiam a cair. O viajante aperta o passo.
Na curva, dá com uma casa abandonada. Cai um raio de despedaçar árvore. A
chuva aperta. Na porta da tapera tem uma cruz desenhada. O homem não quer
saber de nada. Mete o pé na porta e entra.
Dentro, um pouco de tudo. Pedaçõs de mobília, tigelas, troços e trecos
jogados no escuro.
O viajante faz fogo.
Agachado, tira um pedaço de carne da sacola e bota para assar. Está morto
de fome. Deita-se no chão e solta o corpo, esperando a comida ficar pronta.
A chuva vai minguando. O mato fica quieto.
De repente, o telhado range. De lá de cima, um gemido rabisca o ar:
- Gaspar!
O homem estremece. Aperta os dentes. A luz do fogo é fraca. Não dá para
ver nada.
A voz chama e chama.
- Gaspar!
Já passa da meia noite. Quem será? A voz insiste:
- Gaspar!
O viajante pensa em fugir. Mas, e a carne? E o frio? E a chuva ameaçando
cair? Encolhido num canto, o homem arrisca:
- Quem está aí?
A voz, no telhado, continua grossa:
- Gaspar!
- Quem está aí?
- Gaspar!
- Quem está aí? - pergunta o homem.
A voz então diz:
- Gaspar... Eu caio!
- Pois caia! – responde o viajante.
Estrondo. Espanto. Uma coisa despenca lá de cima - Catapram – e cai no
chão.
Os olhos do homem crescem de pavor.
É um pé. A ossada de um pé. E vem com os dedos mexendo!
A voz boia no ar:
- Gaspar!
O homem treme.
- Eu caio!
- Pois caia! – grita o homem de novo.
Catapram. Vem outro pé. Cai e vai se arrastando para junto do primeiro.
- Gaspar!
O viajante respira curto. A cada resposta sua, desabam do forro pernas,
coxas, tronco, braços e mãos de um esqueleto que vai se formando no chão.
O esqueleto começa a dançar.
A luz do fogo desenha sombras estranhas no casebre.
- Gaspar! Gaspar! Gaspar!
A voz grossa voa cada vez mais alto.
- Eu caio!
- Pois caia! – berra o viajante, sentindo sua hora chegar.

E então – ploct – uma cabeça cai lá do alto.
Meio de medo, meio de raiva, o homem chuta a caveira longe.
O corpo desencarnado fica zangado. Para a dança, agacha e, cuidadoso, enfia o crânio no pescoço. Depois, lambuzava a carne que assa no fogo com seu cuspe escuro.
O sangue do viajante ferve. Estava morto de fome. A carne era tudo o que havia para comer. O homem cata o pau de matar cobra.
- Para mim chega! – De olhos fechados, mergulha sobre o esqueleto dando soco e pancada. O morto gargalha. Os dois rolam atacadados pelo chão da tapera.
A luta vara a noite. O homem bate, chora e sangra. O esqueleto range os dentes.
Os dois quebram tudo, apagam o fogo com o corpo e vão parar do lado de fora, rugindo na lama.
O tempo passa. Um golpe seco estala no mato. Silêncio.
O morto suspira e cai.
O viajante continua de pé, vitorioso. Passa o braço machucado sobre o rosto.
Do chão, a caveira pede para o homem cavar um buraco no pé de uma árvore.
O homem responde:
- Nem nunca!
Em seguida, vai até a árvore e trepa num galho bem alto.
Abatido, o esqueleto pega e cavuca ele mesmo. Tira do buraco fundo um tacho cheio de ouro e prata. Depois olhando para o homem pendurado na árvore, solta um gemido e some no vento.
O viajante fica onde está. Manhã nascendo no mato. Seu peito mexe com força, indo e vindo. Olha as mãos sujas de sangue. Estrada de terra sem uma alma. A roupa rasgada. O suor. O sol avermelhado sopra a brisa quente entre as folhagens. O homem sente o corpo doído e leve. Olha a tapera. Tem vontade de rir, cantar, conversar com alguém. Salta aliviado do galho, junta as coisas se via embora.

Texto de Ricardo Azevedo

1) Quem são as personagens da história?

O homem e a caveira

2) Em que local acontece a história?

Em uma estrada de terra sem uma alma, numa casa abandonada.

3) Faça um X na alternativa que corresponde ao conto de susto.

() Dia claro no mato, estrada de terra com muitas pessoas.

(X) Noite escura no mato, estrada de terra sem uma alma.

4) Cite algumas palavras que o autor utilizou no texto para caracterizar assombração:

Noite escura no mato

Sem uma alma

O vento gemendo

Nuvens passando nervosas

Casa abandonada

Uma cruz desenhada

O telhado range

Um gemido rabisca o ar

A voz chama e chama

Estrondo. Espanto pavor

A ossada de um pé

16ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos farão a compreensão leitora de outra versão do mesmo conto de assombração, observando seu conteúdo temático, estrutural e sua linguagem.

Leia o texto e depois responda às questões

O fantasma da sorte

Os habitantes de uma região onde havia um castelo muito antigo tinham orgulho daquela bela construção, mas temiam penetrar em suas imediações, pois diziam que o lugar era mal-assombrado.



Um dia, um capitão dos mares viajava durante suas férias. Como não estava habituado a andar em terra, acabou se perdendo na densa floresta que rodeava o castelo. Já era tarde da noite e ele tremia de frio quando avistou o maravilhoso castelo. Feliz por encontrar um abrigo, o capitão bateu à porta e foi recebido pelo proprietário, que o convidou para entrar.

Havia muitos hóspedes nobres no castelo, que se interessavam por suas histórias de navios e aventuras no mar. Assim, ele foi convidado para jantar e pernoitar ali.

Pouco antes da meia-noite, o capitão foi levado a um suntuoso cômodo. Cansado por ter caminhado horas pela floresta, adormeceu de imediato. Mas, quando chegou a madrugada, ele despertou, assustado. Sonhara que estava de volta ao mar, no meio de uma terrível tormenta. Ao abrir os olhos, viu uma linda criança, cercada de uma luz cintilante, parada bem na sua frente. A criança lhe sorriu e ele se sentiu estranhamente tranquilo. Em seguida ela desapareceu e o quarto voltou a ficar escuro.

Na manhã seguinte, ao acordar, o capitão pensou que aquilo havia sido uma brincadeira de mau gosto. Quando se sentou à mesa para tomar café da manhã, foi logo dizendo ao nobre:

— Caro amigo, obrigado por sua hospedagem. Mas agora desejo partir. Ontem, quando eu estava precisando tanto de repouso, o senhor me deu um grande susto ao mandar aquela criança me despertar no meio da noite. Desculpe-me pela sinceridade, mas não gostei nem um pouco da brincadeira!

Em vez de responder ao capitão, o nobre chamou o mordomo:

— Hamilton, em que quarto você alojou o nosso amigo capitão?

— Bem, meu senhor – respondeu o mordomo –, o castelo está lotado de hóspedes, eu não tive escolha. Coloquei o capitão no quarto do menino. Mas acendi a lareira, porque ele só aparece no escuro, não é?

— Você fez muito mal! – disse o nobre. — O fogo da lareira sempre apaga de madrugada. Você deveria ter trancado aquele quarto a sete chaves!

Em seguida, dirigindo-se ao capitão, explicou:

— Meu amigo, nossa família guarda um segredo há muitos séculos. Neste castelo vive o fantasma de um menino. Seu quarto preferido é aquele em que você dormiu. Mas não se preocupe. Trata-se de um fantasma alegre, um fantasma da sorte. Todos os que o viram ganharam dinheiro e foram felizes.

E foi o que aconteceu. Uma semana depois, o capitão conheceu uma formosa jovem, com quem se casou. Como ela era muito rica, ele acabou se tornando um milionário também. E os filhos que tiveram foram fortes e felizes e tiveram sorte durante toda a vida.

História do folclore inglês. Disponível em: <https://eixodoleitorcrateus.blogspot.com/2015/04/o-fantasma-da-sorte.html> 29/09/22

1- Podemos afirmar que o autor criou um clima de mistério na seguinte passagem do texto:

- (A) “ele foi convidado para jantar e pernoitar...”.
- (B) “quando avistou o maravilhoso castelo...”.
- (C) “diziam que o lugar era mal-assombrado...”.
- (D) “o capitão conheceu uma formosa jovem...”.

2 -Dentre os episódios abaixo, o primeiro a acontecer foi quando o capitão:

- (A) despertou no meio da noite.
- (B) sentou à mesa para tomar café.
- (C) avistou um maravilhoso castelo.
- (D) casou com uma linda jovem.

3- No trecho “quando chegou a madrugada, ele despertou **assustado**”, o termo grifado indica que o capitão estava:

- (A) preocupado.
- (B) angustiado.
- (C) amedrontado.
- (D) aborrecido

17ª Atividade

Professor

Faça a leitura do conto “Recado de Fantasma”, com os alunos, essa é uma atividade de percurso a qual tem como objetivo verificar a identificação do clímax, que trata do momento de maior tensão.

Relate aos alunos que nas atividades já realizadas, aprendemos sobre o desenvolvimento (ou complicação/surgimento do conflito) onde apresenta as ações que modificam o estado inicial da narrativa e que fará as personagens agirem para resolvê-lo.

Texto para ser lido com os alunos:

Avaliação de Percurso

Nesse conto vamos observar que o desenvolvimento foi retirado e você deverá criar momentos de tensão, que prendam a atenção do leitor, não esqueça de ler o desfecho com atenção, é necessário seguir a história.

Recado de fantasma



Tudo começou quando nos mudamos para aquela casa. Era um antigo sobrado, com uma grande varanda envidraçada e um jardim. Eu me sentia tão feliz em morar num lugar espaçoso como aquele, que nem dei atenção aos comentários dos vizinhos, com quem fui fazendo amizade. Eles diziam que a casa era mal-assombrada. Alguns afirmavam ouvir alguém cantando por lá às sextas-feiras.

– Deve ser coisa de fantasma! - falavam.

– Se existe, nunca vi! – E então contava a eles que as casas antigas, como aquela, com revestimentos e assoalho de madeira, estalam por causa das mudanças de temperatura. Isso é um fenômeno natural, conforme meu pai havia me explicado. Mas meus amigos não se convenciam facilmente. Apostavam que mais dia menos dia eu levaria o maior susto.

Certa noite, três anos atrás, aconteceu algo impressionante. Meus pais tinham saído e eu fiquei em casa com minha irmã, Beth. Depois do jantar, fui para o quarto montar um quebra-cabeça de 500 peças, desses bem difíceis.

Faltava um quarto para a meia-noite. Eu andava à procura de uma peça para terminar a metade do cenário quando senti um ar gelado bem perto de mim. As peças espalhadas pelo chão começaram a tremer. Vi, arrepiado, cinco delas flutuarem e depois se encaixarem bem no lugar certo. Fiquei tão assustado que nem consegui me mexer. Só quando tive a impressão de ouvir passos se afastando é que pude gritar e sair correndo escada abaixo. Minha irmã tentou me acalmar, dizendo que tudo não passava de imaginação, mas eu insisti e implorei que ela viesse até o quarto comigo. Uma segunda surpresa me esperava: o quebra-cabeça estava montado, formando a imagem de uma casa com um jardim bem florido. No entanto, meu jogo formava o cenário de uma guerra espacial, eu tinha certeza!

No dia seguinte, fui até a biblioteca pesquisar o tema. Eu e Beth encontramos dúzias de livros que tratavam de fatos extraordinários e aparições. E a explicação para eventos desse tipo foi a seguinte:

-----Parar aqui-----

Hoje minha casa tem o jardim mais bonito da rua. Centenas de lindas margaridas brancas florescem a maior parte do ano (para total espanto da vizinhança). O fantasma? Nunca mais vi. Decerto passeia feliz pelo jardim, nas noites de lua cheia.

Flávia Muniz. Recado de fantasma. Nova escola. São Paulo: Abril, ago. 2004. v.1 p. 13. Edição especial: contos para crianças e adolescentes.

18ª Atividade

Revisão coletiva de produção

Professor

Escolha uma das produções para realizar a revisão coletiva. Durante a revisão, o professor deverá sinalizar o que pode ser mudado, por exemplo, quando há muitas repetições de verbos, nomes de personagens ou de reprodução de expressões orais (“aí ela”, “daí ele”), o professor pode perguntar a turma o que pode ser colocado no lugar. Se há muita repetição do nome João, coloca-se “ele” no local; verbos iguais, coloca-se um sinônimo; as expressões orais poderão ser substituídas por “então”, “logo”, etc. Associado a essa análise do texto, o educador explica o uso do pronome, a importância de se conhecer mais verbos, o uso dos conectivos textuais para maior clareza etc.

Busque apresentar aos alunos o texto escolhido na íntegra, e fazer as adequações conforme forem realizando a revisão. Chame a atenção para o clímax no conto, questionando sobre o surgimento do conflito.

19ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos farão a compreensão leitora de um conto de assombração, observando seu conteúdo temático, estrutural e sua linguagem.

Realize a leitura do conto “Recado de fantasma” e responda às questões:

Recado de fantasma

Tudo começou quando nos mudamos para aquela casa. Era um antigo sobrado, com uma grande varanda envidraçada e um jardim. Eu me sentia tão feliz em morar num lugar espaçoso como aquele, que nem dei atenção aos comentários dos vizinhos, com quem fui fazendo amizade. Eles diziam que a casa era mal-assombrada. Alguns afirmavam ouvir alguém cantando por lá às sextas-feiras.

- Deve ser coisa de fantasma! - falavam.

- Se existe, nunca vi! – E então contava a eles que as casas antigas, como aquela, com revestimentos e assoalho de madeira, estalam por causa das mudanças de temperatura. Isso é um fenômeno natural, conforme meu pai havia me explicado. Mas meus amigos não se convenciam facilmente. Apostavam que mais dia menos dia eu levaria o maior susto.

Certa noite, três anos atrás, aconteceu algo impressionante. Meus pais tinham saído e eu fiquei em casa com minha irmã, Beth. Depois do jantar, fui para o quarto montar um quebra-cabeça de 500 peças, desses bem difíceis.

Faltava um quarto para a meia-noite. Eu andava à procura de uma peça para terminar a metade do cenário quando senti um ar gelado bem perto de mim. As peças espalhadas pelo chão começaram a tremer. Vi, arrepiado, cinco delas flutuarem e depois se encaixarem bem no lugar certo. Fiquei tão assustado que nem consegui me mexer. Só quando tive a impressão de ouvir passos se afastando é que pude gritar e sair correndo escada abaixo. Minha irmã tentou me acalmar, dizendo que tudo não passava de imaginação, mas eu insisti e implorei que ela viesse até o quarto comigo. Uma segunda surpresa me esperava: o quebra-cabeça estava montado, formando a imagem de uma casa com um jardim bem florido. No entanto, meu jogo formava o cenário de uma guerra espacial, eu tinha certeza!

No dia seguinte, fui até a biblioteca pesquisar o tema. Eu e Beth encontramos dúzias de livros que tratavam de fatos extraordinários e aparições. E a explicação para eventos desse tipo foi a seguinte:

Que o fantasma era o dono de um cemitério, que fica embaixo da casa onde eles moram. E o jardim florido, era porque o dono que morreu era um jardineiro, e por mesmo que tenha morrido, ainda gosta de jardinagem e ele montou aquele quebra cabeça, por que queria que aquela casa, sempre estivesse bonita cheia de flores e plantas. E todas as sextas ele ia visitar o jardim...

Hoje minha casa tem o jardim mais bonito da rua. Centenas de lindas margaridas brancas florescem a maior parte do ano (para total espanto da vizinhança). O fantasma? Nunca mais vi. Decerto passeia feliz pelo jardim, nas noites de lua cheia.



a) No texto, não encontramos o nome do personagem principal. Qual nome você

daria a ele?

Resposta Pessoal.

b) O narrador do texto é:

personagem

observador

c) No terceiro parágrafo há um travessão no meio da frase, o que indica isso?

Indica que o personagem está com medo.

Indica a explicação do narrador sobre os fenômenos.

Indica a fala das personagens.

d) Segundo o pai, quais eram os fenômenos que explicava que estava acontecendo?

“As casas antigas, como aquela, com revestimentos e assoalho de madeira, estalam por causa das mudanças de temperatura. Isso é um fenômeno natural”.

e) Os fatos a seguir foram tirados do texto. Releia-os e numere de 1 a 5, de acordo com a sequência do texto:

(5) O quebra cabeça aparece montado.

(1) O personagem muda para o antigo sobrado.

(3) O personagem monta o quebra cabeça e as peças começam a tremer.

(4) Beth tenta acalmar o personagem.

(2) Os vizinhos diziam que a casa era mal-assombrada.

20ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos farão a análise dos aspectos discursivos do texto, para isso, solicite que leiam silenciosamente e respondam individualmente às questões. Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias.

Atividade de compreensão leitora

Leia o texto abaixo e responda às questões.

Dançando com o morto



A viúva estava na cozinha com o filho, contando feliz o dinheiro que tinha

encontrado debaixo do colchão, quando o marido, falecido fazia meses, apareceu e veio sentar-se à mesa com eles.

A mulher não se intimidou:

- O que você está fazendo aqui, seu miserável?! Me dá paz! Você está morto! Trate de voltar para debaixo da terra.

- Nem pensar – disse o morto. – Estou me sentindo vivo.

A mulher mandou o filho buscar um espelho. Entregou ao morto para que ele visse a sua cara de cadáver.

- É ... estou abatido. Deve ser falta de exercício – disse o falecido.

E mandou o filho buscar a sanfona, e convidou a mulher para dançar. Ela é claro, não quis saber de dançar com o defunto, que cheirava pior que gambá.

O morto nem ligou. Começou dançar sozinho. De repente a mulher viu que um dedo dele estava caindo, e ordenou:

- Toca mais rápido, menino!

Assim que o ritmo se acelerou, caiu outro pedaço.

- Mais que depressa, que eu também vou dançar – ela resolveu.

E começou a requebrar e saltar e jogou a perna para o alto e balançar a saia.

O marido, animado, tratava de acompanhar as piruetas da mulher, e enquanto isso o corpo dele desmoronava. Até que só ficou a caveira pulando no chão, batendo o queixo.

A mulher caprichou uma pirueta, a caveira imitou e o queixo desmontou. Pronto.

Mais que depressa, a mulher mandou o filho buscar um baú para guardar os pedaços do marido:

- Põe tudo que é dele, filho. Tudo. Que eu vou procurar uns pregos e um martelo.

Dali a pouco ela voltou e caprichou nas marteladas, para que o morto nunca mais escapulisse.

Enterraram o defunto de novo. Depois jogaram bastante cimento em cima.

Só no dia seguinte a viúva lembrou do dinheiro do marido, que ela tinha deixado em cima da mesa.

- Cadê!?!

- Uai, Mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?

Ângela Lago.

Entendendo o conto:

1) Por que a mulher ficou tão aborrecida com a chegada do finado marido?

Porque ele veio atrapalhar ela a contar o dinheiro que encontrou debaixo do colchão.

2) Por que a mulher foi buscar o espelho?

Para o falecido olhar e ver que tinha morrido mesmo.

3) Ao olhar a sua imagem no espelho, o defunto alegou que estava meio abatido e que era falta de exercícios, diante disso o que ele resolveu fazer?

Ordenou que o filho pegasse a sanfona, convidou a mulher para dançar, e como ela não quis, resolveu dançar sozinho.

4) O que fez a mulher mudar de ideia e dançar com o morto?

A mulher viu que um dedo dele estava caindo, então pensou que logo outras partes cairiam.

5) À medida que o morto imitava as piruetas da mulher, o que acontecia com ele?

Quanto mais rápido dançava, os pedaços da caveira iam caindo.

6) Por que o morto fedia mais que um gambá?

Porque o falecido fazia meses que tinha morrido.

7) Ao final do texto o menino diz: “- Uai, Mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?” Como a mãe pode ter ficado diante dessa fala? Por quê?

Resposta pessoal, porém, espera-se que os alunos percebam que ela pode ter ficado muito triste ou aborrecida, porque era todo o dinheiro que eles tinham.

8) A obediência do filho acabou se transformando num problema. Por quê?

Porque o menino enterrou o dinheiro da família e para obtê-lo novamente teriam que desenterrar o defunto, que provavelmente não estaria feliz com o que fizeram.

9) Ao dizer: “- O que é que você está fazendo aqui seu miserável?”

(A) A mulher elogiou o marido.

(B) Maltratou o marido.

(C) Se expressou de forma muito feliz.

10) Na frase: “Enterraram o **defunto** de novo.” A expressão em destaque pode ser substituída por

(A) caveira.

(B) menino.

(C) marido.

11) Esse texto é

(A) fábula.

(B) conto.

(C) texto informativo.

12) Retome o título da história. Que outro título poderia ser dado ao texto? Por quê?

Resposta pessoal do aluno.

13) Você sentiu medo ao ler o texto? Justifique.

Resposta pessoal do aluno.

14) Você acha que esse texto poderia acontecer na realidade? Explique.

Resposta pessoal do aluno.

21ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos farão a análise dos aspectos estruturais e linguísticos

do texto, para isso, solicite que leiam silenciosamente e respondam individualmente às questões. Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

Analizando o texto

Leia o texto abaixo e responda às questões.

DA MARIMONDA, A MÃE-DA-MATA, NÃO SE DEVE FALAR

Quando Jacinto voltava cabisbaixo à sua chácara, encontrou-se com a velha Joana.

– Escuta, filho, por que essa cara? – disse-lhe a velha ao cumprimentá-lo.

– Ah, nhá Joana – suspirou Jacinto – é que hoje, quando eu fui buscar água pra regar minhas laranjeiras, vi que o rio estava seco. Não tinha nenhuma gota d'água. Faz tanto tempo que não chove! Não sei o que fazer, nhá Joana!

– O rio estava seco, é? Mau sinal, filho, mau sinal! – E a velha balançou a cabeça como se pressentisse calamidades.

– Mau sinal por que, nhá Joana?

– Pois olha, filho, você é muito jovem e não sabe de nada. Mas eu digo, que se o rio secou, é porque ela anda por aí e então... pobre de quem se encontrar com ela!

– Com ela quem? De quem é que vosmecê está falando, nhá Joana? Jacinto estava muito assustado.

– É da Marimonda, a mãe-da-mata, filho. E de quem mais que ia ser? Mas eu não quero falar dela não. Não pode, filho, dá azar. Só de pensar fico toda arrepiada. E vê se toma cuidado. Você é um bom moço, Jacinto, não é como os outros, como esse tal de Runcho.

E a velha seguiu o seu caminho, apressada.

Jacinto sentiu imediatamente um calafrio percorrer-lhe a espinha. Lembrou-se, então, do Runcho Rincão. Já fazia tempo que esse sujeito derrubava árvores na cabeceira do rio, lá no alto do morro. Quando os lavradores perceberam, perguntaram-lhe por que fazia aquilo e ele explicou que os homens da serraria lhe pagavam pelas árvores que ele cortava. Serafim, o mais velho dos habitantes do povoado, advertiu-o então:

– Olha, Runcho, é melhor não fazer estrago na floresta que a Marimonda pode aparecer.

Mas o Runcho não fez caso das palavras do velho e continuou destruindo todas as árvores que encontrava.

Pouco tempo depois, os lavradores começaram a notar que o rio descia com menos água e que cada vez se ouviam menos os gritos dos papagaios e o canto dos melros nas matas.

A caminho de sua chácara, Jacinto continuou pensando no que fazer com os seus pezinhos de laranja recém-plantados, já que não tinha água para regá-los.

Começava a escurecer e detrás do morro despontava uma lua redonda e amarela. Tal era a sua preocupação, que nem se deu conta do alvoreço que o seu cãozinho Canijo fez ao vê-lo. Mas logo percebeu que o animal estava muito inquieto: grunhia, ladrava, cercava o dono e mordida as suas calças, tentando conduzi-lo para

o caminho que levava ao morro. Jacinto sentiu a angústia de Canijo e decidiu segui-lo. Depois de se benzer várias vezes, começou a subir, deixando-se guiar pelo cachorro, que não parava de ladrar e grunhir.

Pouco depois, ouviu um ruído: chuiss, chuiss, sibilava um facão derrubando mamonas, sarças e samambaias. De longe, Jacinto avistou o Runcho, que, aproveitando a escuridão, estava abrindo uma trilha até um lugar onde havia uns cedros enormes que ele desejava derrubar. Com o vento, as folhas das árvores rangiam, dando a impressão de que estavam chorando.

De súbito, a lua se escondeu detrás de uma nuvem e Jacinto não conseguiu enxergar mais nada. Canijo parou. Cessou também o ruído do facão na folhagem. A escuridão e o silêncio dominaram a floresta e um resplendor surgiu no meio da mata espessa.

O Runcho, como que hipnotizado, deixou cair o facão e se levantou com os olhos fixos no resplendor, o qual pouco a pouco foi tomando a forma de uma bela mulher. Seus cabelos longos e escuros caíam-lhe sobre os ombros e cobriam-lhe todo o corpo. Seus olhos grandes e muito pretos lançavam centelhas de fogo e seus lábios delineavam um sorriso feroz. Uma voz repetia:

– Vem... vem... vem...

Tão logo o Runcho conseguiu tocar a mulher, esta soltou uma aguda gargalhada, que retumbou no silêncio da noite. Rápida como um raio, sacudiu a cabeça e imediatamente os seus longos cabelos se transformaram num espesso musgo pardacento e em grossos cipós que, como serpentes, enroscaram-se no pescoço, nos braços e nas pernas do moço.

Jacinto fechou os olhos. Seu coração saltava como louco e suas pernas pareciam estar cravadas na terra. Alguns instantes depois, ele ouviu novamente os latidos furiosos de Canijo e o ranger das folhas sacudidas pelo vento. Abriu os olhos e aproximou-se do Runcho. Estava morto. Um cipó apertava-lhe o pescoço e, ao seu lado, estendia-se um rastro de musgo pardacento que se perdia no matagal. Ao longe, começou-se a escutar a água do rio que voltava a correr.

Jacinto jamais disse nada a ninguém. Da Marimonda, a mãe-da-mata, não se deve falar.

Coletânea de contos de tradição oral. Contos de assombração. Co-edição latino americana. São Paulo: Ática, 1988, 4a ed.

Complete o quadro abaixo

Personagens - Quem participa da história?	Jacinto, a velha Joana, Runcho Rincão, Serafim, Marimonda.
Espaço- Onde a história se passa?	Na floresta.

Tempo- Quando se passa a história?	O tempo predominante é o passado, já que o texto fala de uma história que ocorreu quando Jacinto voltava à sua chácara, após ir buscar água pra regar as laranjeiras.
Narrador- Quem conta a história?	Um narrador observador.
Presença de diálogos- Há diálogos nos textos? Quantos? Como eles são introduzidos no texto?	Sim, 9 diálogos, eles são introduzidos pelo sinal do travessão.

Para escrever uma história que narre um fato assustador, é preciso empregar palavras que se associem a sensações como susto e o medo ou a fenômenos como o sobrenatural.

Selecione as palavras de arrepiar que você encontrou no conto da Marimonda e escreva-as neste quadro, em seguida, escolha aquelas que deverão fazer parte do dicionário de arrepiar e procure os seus significados. Lembre-se de anotar na atividade 5.

Sugestões: Marimonda, calamidade, mau sinal, assustado, dá azar, ...

22ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos farão a análise dos aspectos discursivos e linguísticos do texto, para isso, leia com a turma e depois solicite que leiam silenciosamente e respondam individualmente às questões. Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

Analizando diferentes contos de assombração

Vamos conhecer outro conto de assombração? Ouça com atenção a leitura do(a) professor(a). Depois leia sozinho, assinalando as palavras de arrepiar que você encontrar.

Uma noite no paraíso

Trecho 1

Era uma vez dois grandes amigos que, de tanto que se queriam, haviam feito um juramento: quem casasse primeiro deveria chamar o outro para padrinho, mesmo que se encontrasse no fim do mundo.

Depois de algum tempo, um dos amigos morre. O outro, devendo casar-se, não sabia como fazer e pediu conselhos ao confessor.

— Negócio complicado — disse o pároco — você deve manter a sua palavra. Convide-o mesmo estando morto. Vá até o túmulo e diga o que tem a dizer. Ele decidirá se vem ou não.

O jovem foi até o túmulo e disse:

— Amigo, chegou o momento, vem para ser meu padrinho!

Abriu-se a terra e pulou fora o amigo.

Antes de conhecer o restante da história, imagine o que aconteceu. Converse com o professor e os colegas sobre o encontro entre os dois amigos.

Trecho 2

— Claro que vou, tenho que manter a promessa, pois se não a mantiver não sei quanto tempo terei que ficar no purgatório.

Portanto, os amigos foram para casa e depois à igreja para o matrimônio. A seguir veio o banquete de núpcias e o jovem morto começou a contar histórias de todo tipo, mas não dizia uma palavra sobre o que vira no outro mundo. O noivo não via a hora de lhe fazer umas perguntas, mas não tomava coragem. No final do banquete, o morto se levanta e diz:

— Amigo, já que lhe fiz este favor, você tem que me acompanhar um pouquinho.

— Claro, por que não? Porém, espere, só um momentinho, pois é a primeira noite com minha esposa...

— Certamente, como quiser!

O marido deu um beijo na mulher.

— Vou sair um instante e volto logo — E saiu com o morto.

Falando de tudo um pouco, chegaram ao túmulo. Abraçaram-se.

O vivo pensou: "Se não lhe perguntar agora, não pergunto nunca mais", tomou coragem e lhe disse:

— Escute, queria lhe perguntar uma coisa, a você que está morto: do outro lado, como funciona?

— Não posso dizer nada — respondeu o morto.

— Se quiser saber, venha você também ao Paraíso.

O túmulo se abriu, e o vivo seguiu o morto. E logo se encontravam no Paraíso. O morto o levou para ver um belo palácio de cristal com portas de ouro, cheio de anjos que tocavam e faziam dançar os beatos, e São Pedro, que tocava contrabaixo. O vivo estava de boca aberta e quem sabe quanto tempo teria ficado ali se não tivesse de ver todo o resto.

— Agora, vamos a outro lugar! — disse-lhe o morto, e o levou a um jardim onde as árvores, em vez de folhas, tinham pássaros de todas as cores que cantavam. — Vamos em frente, o que faz aí encantado? — E o levou a um prado onde os anjos dançavam, alegres e suaves como namorados.

— Agora vou levá-lo para ver uma estrela!

Não se cansaria nunca de admirar as estrelas; os rios, em vez de água, eram de vinho e a terra era de queijo.

De repente, caiu em si:

— Ouça, compadre, já faz algumas horas que estou aqui em cima. Tenho que voltar para minha esposa, que deve estar preocupada.

— Já está cansado?

- Cansado? Sim, se pudesse...
- E muito mais haveria para descobrir!
- Tenho certeza, mas é melhor eu voltar.
- Como preferir. — E o morto o acompanhou até o túmulo e depois sumiu.

E agora? Será que o jovem vai conseguir voltar para sua noiva? Será que tudo voltará ao normal? Conte aos seus colegas o que você acha que vai acontecer e ouça o que eles pensam.

Trecho 3

O vivo saiu do túmulo e não reconhecia mais o cemitério. Estava todo cheio de monumentos, estátuas, árvores altas. Saiu do cemitério e, no lugar daquelas casinhas de pedra meio improvisadas, viu grandes palácios e bondes, automóveis, aviões. "Onde é que vim parar? Terei errado o caminho?"

Mas como está vestida esta gente!"

Pergunta a um velhinho:

— Cavaleiro, esta aldeia é...?

Sim, é esse o nome desta cidade.

— Bem, não sei por que, não consigo me situar. Saberria me dizer onde fica a casa daquele que se casou ontem?

— Ontem? Estranho, trabalho como sacristão e posso garantir que ontem ninguém se casou!

— Como? Eu me casei! — E lhe contou que acompanhara ao Paraíso um padrinho seu que morrera.

— Você está sonhando — disse o velho. — Essa é uma velha história que contam: do marido que acompanhou o padrinho até o túmulo e não voltou; e a mulher morreu de desgosto.

— Não, senhor, o marido sou eu!

— Ouça, a única solução é que vá conversar com nosso bispo.

— Bispo? Mas aqui na aldeia só existe um pároco.

— Nada disso. Há muitos anos que temos um bispo. — E o levou até o bispo.

Estranho o que se passou com o rapaz, não é? o que vai acontecer com ele? Qual será o fim desta história? Dê o seu palpite e escute os palpites de seus colegas.

Trecho 4

O bispo, quando o jovem lhe contou o que lhe acontecera, lembrou-se de uma história que ouvira quando rapaz. Pegou os livros, começou a folheá-los: há trinta anos, não; cinquenta anos, não; cem, não; duzentos, não. E continuava a folhear. No final, numa folha toda rasgada e gordurosa, encontra justamente aqueles nomes.

Aconteceu há trezentos anos. O jovem desapareceu no cemitério e a mulher dele morreu de desgosto. Leia aqui se não acredita!

— Mas sou eu.

— E você esteve no outro mundo? Conte-me como é!

Porém, o jovem ficou amarelo como a morte e caiu. Morreu assim, sem poder contar nada do que vira.

CALVINO, Ítalo. Fábulas italianas. Tradução: Nilson Maulin, São Paulo, Companhia das Letras.

1. Enumere os fatos na ordem em que aconteceram no texto:

- (5) O recém-casado conhece um jardim onde as árvores, em vez de folhas, tinham pássaros de todas as cores, que cantavam.
- (2) Um dos amigos morre.
- (1) Dois amigos fazem um juramento: quem casasse primeiro chamaria o outro para padrinho.
- (6) O vivo fica assustado, pois sua cidade estava muito diferente.
- (3) O morto vai ao casamento do amigo.
- (7) O noivo percebe que esteve longe da sua aldeia por 300 anos.
- (4) O vivo acompanha seu amigo morto até sua morada.

2. Por que o amigo chamou o morto para ser padrinho de seu casamento?

Porque haviam feito um juramento: quem casasse primeiro deveria chamar o outro para padrinho, mesmo que se encontrasse no fim do mundo.

3. O narrador do texto é:

- () Narrador- personagem (1ª pessoa) (X) Narrador- observador (3ª pessoa)

4. O que o noivo viu de interessante no Paraíso?

Um belo palácio de cristal com portas de ouro, cheio de anjos que tocavam e faziam dançar os beatos, e São Pedro, que tocava contrabaixo.

Um jardim onde as árvores, em vez de folhas, tinham pássaros de todas as cores que cantavam.

Os rios, em vez de água, eram de vinho e a terra era de queijo.

5. Depois de algumas horas o morto resolveu voltar para sua noiva, mas ao sair viu que estava tudo diferente. Se a localidade era a mesma, por que isso aconteceu?

Porque muitos anos já haviam se passado.

6. “Agora vou levá-**lo** para ver uma estrela.”

A palavra em destaque refere-se:

- (x) ao amigo vivo. () à noiva. () ao amigo morto. () ao pároco.

23ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos conhecerão mais um conto de assombração para aumentar seu repertório, para isso, leia com a turma e depois solicite que leiam silenciosamente e respondam individualmente às questões. Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

A casa do pesadelo

A estrada pela qual eu seguia em meu carro passava por um campo aberto, e deixava um bosque para trás. O sol estava se pondo. A fazenda mais próxima tinha um caminho cinzento que a ligava à estrada. Acelerei o carro para chegar o quanto antes à casa e entender o que estava acontecendo, mas corri demais: meu carro derrapou e se estabacou contra uma árvore.

Levantei-me sem maior dificuldade e fui examiná-lo. Ficava imprestável. Já era quase noite e eu já começava a ficar aflito quando apareceu um garoto correndo pelo caminho da casa. Vestia, como era típico do lugar, uma camisa marrom aberta no peito. Tinha uma expressão que me incomodava um pouco, porque seu lábio era rasgado. Quando chegou ao local do acidente, ele não disse nada, mas logo lhe perguntei:

— Onde fica a oficina mais próxima?

— A oito milhas daqui, senhor – respondeu com uma péssima pronúncia, por causa do defeito no lábio. Como a noite já estava caindo, pedi-lhe:

— Posso passar a noite em sua casa?

— Claro, se o senhor quiser. Mas a casa está bem desarrumada, porque papai não está e mamãe morreu há três anos. Tem pouca comida.

— Não tem importância. Trouxe algumas provisões. – Retruquei e fomos juntos à sua casa. No caminho até a sua casa senti uma brisa estranha, um cheiro de vegetação desagradável. Ao chegar vi que tudo estava mesmo muito largado.

O garoto me instalou amavelmente num quarto pegado à entrada. Como não havia luz na casa toda, peguei três velas na minha mala. Serviram-me para iluminar meu quarto e a cozinha. Mal me acomodei, acendi a lareira e comecei a preparar o jantar com o que trazia. O garoto comentou que já havia jantado e não estava com fome. Achei estranho para um garoto da sua idade, ainda mais com aquele aspecto de quem passava necessidades, mas eu não quis dizer nada. Aproximou-se do fogo e pôs-se a aquecer as mãos.

— Está com frio? – perguntei.

— Sempre estou.

Aproximou-se tanto das chamas da lareira que temi fosse se queimar, mas ele parecia não sentir o fogo. Preparado o jantar, pus a mesa na cozinha mesmo e jantei – sozinho e rápido. Conversamos um pouco, porque não era tarde, e o garoto me acompanhou à varanda. Sentou-se no chão, enquanto eu me embalava gostosamente numa cadeira de balanço.

— O que você faz quando seu pai não está? – perguntei.

— Nada, só deixo o tempo passar. Ninguém nunca vem nos visitar. A gente daqui diz que essa casa é mal-assombrada.

— Você já viu algum fantasma? – perguntei intrigado.

— Ver, eu nunca vi. Mas posso senti-los.

De repente, senti como se um fino véu deslizesse suavemente pelo meu rosto. Levantei-me de repente.

— Ei! Você viu? – exclamei confuso.

— Não vi nada. O que foi?

— Não sei... um véu. Roçou-me no rosto – expliquei.

— Não tenha medo. Deve ser um dos fantasmas que correm pela casa. Na certa é minha mãe. – disse ele tranquilamente.

Naquele momento, achei que o garoto não regulava bem. Despedi-me dele, desejei-lhe boa noite e fui dormir, agora já meio desconfiado. Caí num sono profundo, mas, passado um bom tempo, um sonho arrepiante me acordou. Um

pesadelo terrível: ali mesmo, no meu quarto, uma enorme fera, como que um javali disforme, de presas ameaçadoras, grunhia diante de mim. Tinha uma atitude muito agressiva e pusera suas patas na cama, a ponto de pular em cima de mim.

Acordei suando, apavorado. Não consegui mais dormir. Quis chamar o garoto, e só então me dei conta de que não sabia seu nome. Não tinha pensado em perguntá-lo e ele não tinha se apresentado. Gritei 'oi' repetidas vezes, mas ninguém respondeu. Só ouvi o eco dos meus gritos entre aquelas paredes vazias. Sentia meu coração bater como se fosse sair pela boca.

Não estava gostando nada daquilo. Resolvi então ir embora daquela casa sem perder nem mais um minuto. Para não ser mal-agrado, deixei algum dinheiro em cima da mesa da cozinha. Saí, segui a estrada a pé, decidido a encontrar a tal oficina. O sol já tinha raiado quando cheguei à primeira fazenda. Um homem veio ao meu encontro.

Contei-lhe meu acidente de automóvel da noite anterior e ele me perguntou onde tinha passado a noite. Ao lhe explicar onde tinha dormido, olhou para mim com cara de incredulidade.

— Como é que lhe passou pela cabeça entrar ali? Não sabe o que dizem dessa casa?

— O garoto me levou – respondi.

— Que garoto?

— O do lábio rasgado – afirmei com segurança.

Com cara de quem havia compreendido tudo, me perturbou com suas palavras:

— Desta vez não há dúvida. Esse garoto que o levou até a casa é um fantasma. Você não sabia, não é? Ele morreu há seis meses.

Texto de Edward White

Vamos compreender?

O texto '*A Casa do Pesadelo*' é um conto de assombração e tem a intenção de passar o sentimento de medo para os leitores. Ao ler este tipo de narrativa, o leitor costuma se colocar no lugar do narrador e imaginar outras atitudes que teria tido ao ser ele.

Escreva abaixo como você agiria nas seguintes situações sugeridas ao longo da narrativa:

a) O que você faria após bater o carro na árvore?

Resposta pessoal.

b) O narrador pede abrigo ao garoto. Você teria feito o mesmo? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal.

c) Agora é a sua vez: Escreva um final para essa história contando o que você faria ao saber que o menino já havia morrido há seis meses.

Resposta pessoal.

2) Leia as informações abaixo e classifique-as em V (verdadeiras) ou F (falsas):

- a) O carro do narrador chocou-se contra uma árvore. (V)
- b) O menino logo ofereceu abrigo ao narrador. (F)
- c) O narrador ficou incomodado com a aparência do garoto. (V)
- d) A mãe do menino estava ocupada e não pôde receber o homem. (F)
- e) Quando o homem foi embora da casa, o menino ainda dormia. (F)
- f) O narrador teve um aterrorizante encontro com um fantasma. (F)
- g) O texto é uma narrativa (V)
- h) O narrador dessa história é também personagem dela (V)
- i) Há 3 personagens nessa história (V)

24ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos conhecerão mais um conto de assombração para aumentar seu repertório, para isso, leia com a turma e depois solicite que leiam silenciosamente e respondam individualmente às questões. Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

MARIA ANGULA

Maria Angula era uma menina alegre e viva, filha de um fazendeiro de Cayambe. Era louca por uma fofoca e vivia fazendo intrigas com os amigos para jogá-los uns contra os outros. Por isso, tinha fama de leva-e-traz, linguaruda e era chamada de moleca fofoqueira.

Assim viveu Maria Angula até os dezesseis anos, decidida a armar confusão entre os vizinhos, sem ter tempo para aprender a preparar pratos saborosos.

Quando Maria Angula se casou, começaram seus problemas. No primeiro dia, o marido pediu-lhe que fizesse uma sopa de pão com miúdos, mas ela não tinha a menor ideia de como prepará-la.

Queimando a mão com uma mecha embebida em gordura, acendeu o carvão e levou ao fogo um caldeirão com água, sal e colorau, mas não conseguiu sair disso: não fazia ideia de como continuar.

Maria lembrou-se então de que na casa vizinha morava dona Mercedes, cozinheira de mão-cheia, e, sem pensar duas vezes, correu até lá.

— Minha cara vizinha, por acaso a senhora sabe fazer sopa de pão com miúdos?

— Claro, dona Maria. É assim: primeiro coloca-se o pão de molho em uma xícara de leite, depois despeja-se este pão no caldo e, antes que ferva, acrescentam-se os miúdos.

— Só isso?

— Só, vizinha.

— Ah – disse Maria Angula – mas isso eu já sabia!

E voou para a sua cozinha a fim de não esquecer a receita.

No dia seguinte, como o marido lhe pediu que fizesse um ensopado de batatas com tocinho, a história se repetiu:

— Dona Mercedes, a senhora sabe como se faz o ensopado de batatas com tocinho?

E como da outra vez, tão logo sua boa amiga lhe deu todas as explicações, Maria Angula exclamou:

— Ah! É só? Mas isso eu já sabia! – E correu imediatamente para casa a fim de prepará-lo.

Como isso acontecia todas as manhãs, dona Mercedes acabou se enfezando. Maria Angula vinha sempre com a mesma história: “Ah, é assim que se faz o arroz com carneiro? Mas isso eu já sabia! Ah, é assim que se prepara a dobradinha? Mas isso eu já sabia!”. Por isso, a mulher decidiu dar-lhe uma lição e, no dia seguinte...

— Dona Mercedinha!

— O que deseja, dona Maria?

— Nada, querida, só que meu marido quer comer no jantar um caldo de tripas e bucho e eu...

— Ah, mas isso é fácil demais – disse dona Mercedes. E antes que Maria Angula a interrompesse, continuou:

— Veja: vá ao cemitério levando um facão bem afiado. Depois, espere chegar o último defunto do dia e, sem que ninguém a veja, retire as tripas e o estômago dele. Ao chegar em casa, lave-os muito bem e cozinhe-os com água, sal e cebolas. Depois de ferver uns dez minutos, acrescente alguns grãos de amendoim e está pronto. É o prato mais saboroso que existe.

— Ah! – disse como sempre Maria Angula – É só? Mas isso eu já sabia!

E, num piscar de olhos, estava ela no cemitério, esperando pela chegada do defunto mais fresquinho. Quando já não havia mais ninguém por perto, dirigiu-se em silêncio à tumba escolhida. Tirou a terra que cobria o caixão, levantou a tampa e... Ali estava o pavoroso semblante do defunto! Teve ímpetos de fugir, mas o próprio medo a deteve ali. Tremendo dos pés à cabeça, pegou o facão e cravou-o uma, duas, três vezes na barriga do finado e, com desespero, arrancou-lhe as tripas e o estômago. Então voltou correndo para casa. Logo que conseguiu recuperar a calma, preparou a janta macabra que, sem saber, o marido comeu lambendo os beiços.

Nessa mesma noite, enquanto Maria Angula e o marido dormiam, escutaram-se uns gemidos nas redondezas. Ela acordou sobressaltada. O vento zumbia misteriosamente nas janelas, sacudindo-as, e de fora vinham uns ruídos muito estranhos, de meter medo em qualquer um.

De súbito, Maria Angula começou a ouvir um rangido nas escadas. Eram os passos de alguém que subia em direção ao seu quarto, com um andar dificultoso e retumbante, e que se deteve diante da porta. Fez-se um minuto de silêncio e logo depois Maria Angula viu o resplendor fosforescente de um fantasma. Um grito surdo e prolongado paralisou

— Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou de minha santa sepultura!

Aterrorizada, Maria Angula escondeu-se debaixo das cobertas para não vê-lo, mas imediatamente sentiu umas mãos frias e ossudas puxarem-na pelas pernas e arrastarem-na gritando:

— Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou de minha santa sepultura!



Quando Manuel acordou, não encontrou mais a esposa e, muito embora tenha procurado por ela em toda parte, jamais soube do seu paradeiro.

(* Extraído de: Contos de assombração, 4ª ed. Co-edição Latino-Americana. São Paulo, Ática, 1988. “Maria Angula” é um conto da tradição oral equatoriana. Esta versão foi escrita por Jorge Renón de La Torre a partir de um relato que lhe fez Maria Gomez, uma mulher de 70 anos, que vive no povoado de Otán)

Compreendendo o texto:

1) A história da Maria Angula é:

- (A) um conto de assombração.
- (B) um conto de fadas.
- (C) uma lenda.
- (D) uma fábula.

2) O principal problema de Maria Angula depois que se casou era:

- (A) fazer fofocas.
- (B) não saber cozinhar.
- (C) ser boa cozinheira
- (D) falar muito.

3) No trecho “... sem ter tempo para aprender a preparar pratos saborosos.” a palavra destacada significa:

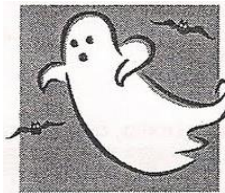
- (A) atrasados.
- (B) queimados.
- (C) salgados.
- (D) deliciosos.

4) Na frase:

“... mas imediatamente sentiu umas mãos frias e ossudas puxarem-na pelas pernas e arrastarem-na gritando...”

São adjetivos as palavras:

- (A) mãos /pernas
- (B) frias/ossudas
- (C) mas/sentiu
- (D) ossudas/gritando



5) Na frase: “Nessa mesma noite, enquanto Maria Angula e o marido dormiam, escutaram-se uns gemidos nas redondezas. Ela acordou sobressaltada.” A palavra sublinhada se refere:

- (A) ao fantasma.
- (B) a Dona Mercedes.
- (C) a Maria Angula.
- (D) ao marido.

25ª Atividade

Identificando as características do conto

Professor

Nesta atividade os alunos conhecerão mais um conto de assombração para aumentar seu repertório, para isso, leia com a turma e depois solicite que leiam silenciosamente e respondam individualmente às questões. Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

GASPAR, EU CAIO!

Noite escura no mato. Estrada de terra sem uma alma. O vento gemendo pelos galhos e as nuvens passando nervosas, querendo chover.

Um homem vem vindo lá longe. Devagarinho. Sem lua nem estrela para iluminar a viagem.

Vem de sacola pendurada no ombro e, na mão, um pau de matar cobra.

Trovoada. Os pingos da chuva principiam a cair. O viajante aperta o passo. Na curva, dá com uma casa abandonada. Cai um raio de despedaçar árvore. A chuva aperta. Na porta da tapera tem uma cruz desenhada. O homem não quer saber de nada. Mete o pé na porta e entra.

Dentro, um pouco de tudo. Pedacos de mobília, tigelas, troços e trecos jogados no escuro.

O viajante faz fogo.

Agachado, tira um pedaço de carne da sacola e bota para assar. Está morto de fome. Deita no chão e solta o corpo, esperando a comida ficar pronta.

A chuva vai minguando. O mato fica quieto.

De repente, o telhado range. De lá de cima, um gemido rabisca o ar:

- Gaspar!

O homem estremece. Aperta os dentes. A luz do fogo é fraca. Não dá para ver nada.

A voz chama e chama.

- Gaspar!

Já passa da meia noite. Quem será? A voz insiste:

- Gaspar!

O viajante pensa em fugir. Mas, e a carne? E o frio? E a chuva ameaçando cair?

Encolhido num canto, o homem arrisca:

- Quem está aí?

A voz, no telhado, continua grossa:

- Gaspar!

- Quem está aí?

- Gaspar!

- Quem está aí? - pergunta o homem.

A voz então diz:

- Gaspar... Eu caio!

- Pois caia! – responde o viajante.

Estrondo. Espanto. Uma coisa despenca lá de cima - Catapram – e cai no chão.

Os olhos do homem crescem de pavor.

É um pé. A ossada de um pé. E vem com os dedos mexendo

A voz bóia no ar:

- Gaspar!

O homem treme.

- Eu caio!

- Pois caia! – grita o homem de novo.

Catapram. Vem outro pé. Cai e vai se arrastando para junto do primeiro.

- Gaspar!

O viajante respira curto. A cada resposta sua, desabam do forro pernas, coxas, tronco, braços e mãos de um esqueleto que vai se formando no chão.

O esqueleto começa a dançar.

A luz do fogo desenha sombras estranhas no casebre.

- Gaspar! Gaspar! Gaspar!

A voz grossa voa cada vez mais alto.

- Eu caio!

- Pois caia! – berra o viajante, sentindo sua hora chegar.

E então – ploct – uma cabeça cai lá do alto.

Meio de medo, meio de raiva, o homem chuta a caveira longe.

O corpo desencarnado fica zangado. Para a dança, agacha e, cuidadoso, enfia o crânio no pescoço. Depois, lambuza a carne que assa no fogo com seu cuspe escuro.

O sangue do viajante ferve. Estava morto de fome. A carne era tudo o que havia para comer. O homem cata o pau de matar cobra.

- Para mim chega! – De olhos fechados, mergulha sobre o esqueleto dando soco e pancada. O morto gargalha. Os dois rolam atracados pelo chão da tapera.

A luta vara a noite. O homem bate, chora e sangra. O esqueleto range os dentes.

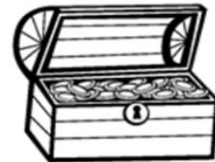
Os dois quebram tudo, apagam o fogo com o corpo e vão parar do lado de fora, rugindo na lama.

O tempo passa. Um golpe seco estala no mato. Silêncio.

O morto suspira e cai.

O viajante continua de pé, vitorioso. Passa o braço machucado sobre o rosto.

Do chão, a caveira pede para o homem cavar um buraco no pé de uma árvore.



O homem responde:

- Nem nunca!

Em seguida, vai até a árvore e trepa num galho bem alto.

Abatido, o esqueleto pega e cavuca ele mesmo. Tira do buraco fundo um tacho cheio de ouro e prata. Depois olhando para o homem pendurado na árvore, solta um gemido e some no vento.

O viajante fica onde está. Manhã nascendo no mato. Seu peito mexe com força, indo e vindo. Olha as mãos sujas de sangue. Estrada de terra sem uma alma. A roupa rasgada. O suor. O sol avermelhado sopra a brisa quente entre as folhagens. O homem sente o corpo doído e leve. Olha a tapera. Tem vontade de rir, cantar, conversar com alguém. Salta aliviado do galho, junta as coisas e via embora.

Texto de Ricardo Azevedo

1) Quem são as personagens da história?

O homem e a caveira

2) Em que local acontece a história?

Em uma estrada de terra sem uma alma, numa casa abandonada.

3) Faça um X na alternativa que corresponde ao conto de susto.

() Dia claro no mato, estrada de terra com muitas pessoas.

(X) Noite escura no mato, estrada de terra sem uma alma.

4) Cite algumas palavras que o autor utilizou no texto para caracterizar assombração:

(Algumas palavras)

Noite escura no mato, sem uma alma, o vento gemendo, nuvens passando nervosas, casa abandonada, uma cruz desenhada, o telhado range, um gemido rabisca o ar, a voz chama e chama, estrondo. Espanto pavor, a ossada de um pé.

26ª Atividade

Professor

Leia com a turma e depois solicite que leiam silenciosamente e respondam individualmente às questões. Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

Dançando com o morto

A viúva estava na cozinha com o filho, contando feliz o dinheiro que tinha encontrado debaixo do colchão, quando o marido, falecido fazia meses, apareceu e veio sentar-se à mesa com eles.



A mulher não se intimidou:
- O que você está fazendo aqui, seu miserável?! Me dá paz! Você está morto!
Trate de voltar para debaixo da terra.
- Nem pensar – disse o morto. – Estou me sentindo vivinho.
A mulher mandou o filho buscar um espelho. Entregou ao morto para que ele visse a sua cara de cadáver.
- É ... estou abatido. Deve ser falta de exercício – disse o falecido.
E mandou o filho buscar a sanfona, e convidou a mulher para dançar. Ela é claro, não quis saber de dançar com o defunto, que cheirava pior que gambá.
O morto nem ligou. Começou dançar sozinho. De repente a mulher viu que um dedo dele estava caindo, e ordenou:
- Toca mais rápido, menino!
Assim que o ritmo se acelerou, caiu outro pedaço.
- Mais que depressa, que eu também vou dançar – ela resolveu.
E começou a requebrar e saltar e jogou a perna para o alto e balançar a saia.
O marido, animado, tratava de acompanhar as piruetas da mulher, e enquanto isso o corpo dele desmoronava. Até que só ficou a caveira pulando no chão, batendo o queixo.
A mulher caprichou uma pirueta, a caveira imitou e o queixo desmontou. Pronto.
Mais que depressa, a mulher mandou o filho buscar um baú para guardar os pedaços do marido:
- Põe tudo que é dele, filho. Tudo. Que eu vou procurar uns pregos e um martelo.
Dali a pouco ela voltou e caprichou nas marteladas, para que o morto nunca mais escapulisse.
Enterraram o defunto de novo. Depois jogaram bastante cimento em cima.
Só no dia seguinte a viúva lembrou do dinheiro do marido, que ela tinha deixado em cima da mesa.
- Cadê!?!
- Uai, Mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?

Texto de Ângela Lago

Entendendo o conto:

1) Por que a mulher ficou tão aborrecida com a chegada do finado marido?

Porque ele veio atrapalhar ela a contar o dinheiro que encontrou debaixo do colchão.

2) Por que a mulher foi buscar o espelho?

Para o falecido olhar e ver que tinha morrido mesmo.

3) Ao olhar a sua imagem no espelho, o defunto alegou que estava meio abatido e que era falta de exercícios, diante disso o que ele resolveu fazer?

Resolveu a dançar sozinho.

4) O que fez a mulher mudar de ideia e dançar com o morto?

A mulher viu que um dedo dele estava caindo.

5) À medida que o morto imitava as piruetas da mulher, o que acontecia com ele?

Quanto mais rápido dançava, os pedaços iam caindo.

6) Por que o morto fedia mais que um gambá?

Porque o falecido fazia meses que tinha morrido.

7) Ao final do texto o menino diz: “--- Uai, Mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?” Como essa frase deixou a mãe: Por quê?

Muito triste. Porque era todo o dinheiro que eles tinham.

8) A obediência do filho acabou se transformando num problema. Por quê?

Porque eles para ter o dinheiro; teriam que desenterrar o defunto.

9) Ao dizer: “--- O que é que você está fazendo aqui seu miserável?”

a) A mulher elogiou o marido.

b) Maltratou o marido.

c) Se expressou de forma muito feliz.

10) Na frase: “Enterraram o **defunto** de novo.” Há uma palavra em negrito a expressão em destaque tem o mesmo sentido que:

(A) Caveira.

(B) Morto.

(C) Marido.

11) O marido fedia mais que um gambá, por quê?

(A) Não gostava de tomar banho.

(B) Mexeu com um gambá.

(C) Estava morto.

12) Esse texto é:

(A) Fábula.

(B) Conto.

(C) Texto informativo.

13) Que outro título você daria ao texto? Por quê?

Resposta pessoal do aluno.

14) Sentiu medo ao ler o texto? Justifique.

Resposta pessoal do aluno.

15) Você acha que esse texto poderia acontecer na vida real? Explique.

Resposta pessoal do aluno.

27ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos farão uma produção coletiva de um Conto de Assombração, no qual o professor será o escriba e fará indagações para garantir que todas as partes da estrutura do gênero estejam presentes.

Inicialmente converse com a turma e questione-os (anote as informações na lousa):

- Qual será a temática do conto?
- Em que lugar a história se passará?
- Quais serão as personagens?
- Quem será o personagem a ser assombrado?
- Quem será o personagem que assombrará?
- Como poderá ser o título?

Após essa conversa inicial, inicie a escrita do texto, caso a história comece a ficar longa, divida esta atividade em duas etapas: introdução e desenvolvimento (1ª aula) e desenvolvimento, clímax e desfecho (2ª aula).

Solicite que os alunos registrem o texto no caderno, assim, além de se apropriar do que estão discutindo, terão um modelo para suas próximas produções.

Ao final da produção (em um outro dia, deixe o texto “descansar”), proponha uma aula para revisão, na qual será retomada a leitura e os alunos observarão os aspectos coesivos do texto (se há alguma repetição, se querem trocar algum termo, introduzir algum trecho, entre outras informações).

Escrevendo um conto de assombração - Nossa produção coletiva

Chegou a hora de começarmos a escrever, em conjunto, nosso conto de assombração!

Discuta com a sua turma a temática do conto, suas personagens e o título que darão a ele, depois, acompanhe a escrita do texto na lousa, dando suas sugestões e registrando – o nas linhas abaixo.

No caderno do aluno haverá mais linhas.

Quando o texto estiver pronto, verifique se está adequado e faça uma revisão, observando se há alguma mudança que pode ser feita (repetições, troca de termos, vocabulário mais sombrio, entre outros).

28ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos farão a análise dos aspectos estruturais, discursivos e linguísticos do texto, para isso, solicite que leiam silenciosamente e respondam individualmente às questões. Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

Analizando um conto

Nesta atividade trabalharemos com um conto do escritor Moacyr Scliar. Realize a leitura do texto e fique atento as personagens que aparecem, sublinhando todas as informações que encontrar sobre eles: seus nomes, quem são, o que fazem, que qualidades possuem, enfim, tudo o que você conseguir perceber.

O tesouro no quintal

Era uma família grande a nossa: pai, mãe e cinco filhos. Grande e pobre. Papai, pedreiro, mal conseguia nos sustentar. Mamãe ajudava como podia, fazendo faxinas e costurando para fora, mesmo assim a vida era bastante difícil. Papai vivia bolando formas de reforçar nosso orçamento doméstico ou de, pelo menos, diminuir as despesas. Foi assim que lhe ocorreu a ideia da horta.

Morávamos numa minúscula casa de subúrbio, não longe de uma bela praia, que, contudo, raramente frequentávamos: era lugar de ricos. Casa pobre, a nossa, sem nenhum conforto. Mas, por alguma razão, tinha um quintal bastante grande. Do qual, para dizer a verdade, não cuidávamos. O capim ali crescia viçoso e no meio dele jaziam, abandonados, pneus velhos, latas, pedaços de tijolos e telhas. Papai olhava para aquilo, pesaroso: parecia-lhe um desperdício de espaço e de terra. Um dia chamou os dois filhos mais velhos, meu irmão Pedro e eu próprio, e anunciou: vamos fazer uma horta neste quintal.

Proposta mais do que adequada. Nós quase não comíamos legumes e verduras, porque eram muito caros. Mas, se plantássemos ali tomate, alface, agrião, cenoura, teríamos uma fonte extra de alimento - e o mais importante, sem custo.

Sem custo, mas não sem trabalho. Para começar, teríamos de capinar aquilo tudo e revirar a terra para depois plantar e colher. Meu pai não hesitou: vocês dois, que são os mais velhos, vão fazer isso.

Não gostamos muito da determinação. Não éramos preguiçosos, mas preparar a terra para fazer uma horta não era bem o nosso sonho e representaria um grande esforço. Contudo, não tínhamos alternativa. Quando papai dava uma ordem, era para valer. E, no caso, ele tinha decidido, apoiado pela mamãe, que era de uma família de agricultores e gostava de plantar.

Quem prepararia a terra? Foi a pergunta que fiz ao Pedro, que, além de mais velho, era o líder entre os irmãos. Pergunta para a qual ele já tinha a resposta:

- Isso é coisa para o Antônio.

Antônio era o irmão do meio. Com 9 anos, era um menino quieto, sonhador. Mas não era muito do batente, de modo que fiquei em dúvida: como convencê-lo a

fazer o trabalho?

- Deixa comigo - disse Pedro, que se considerava muito esperto. - Eu sei como convencer o cara.

E sabia mesmo. Porque Pedro era dono de uma lábia fantástica, argumentava como ninguém. Ah, sim, e sabia contar histórias - inventadas por ele, claro. Era com uma história que pretendia motivar o Antônio a capinar o pátio.

Eu estava junto, quando ele contou a tal história. Era uma boa história: segundo um famoso professor, séculos antes, piratas franceses haviam andado pela nossa região, e ali haviam enterrado um tesouro. Expulsos pelos portugueses, nunca mais tinham retornado, de modo que a arca com joias e moedas de ouro ainda estava no mesmo lugar, que podia ser o pátio de nossa casa.

- O tesouro será a nossa salvação - concluiu Pedro, entusiasmado.

Antônio estava impressionado. Se havia coisa em que acreditava, era em histórias. Aliás, estava sempre lendo - era o maior frequentador da biblioteca do colégio.

- Quem sabe procuramos esse tesouro? - perguntou ele.

Era exatamente o que Pedro queria ouvir.

- Se você está disposto, eu lhe arranjo uma enxada...

Antônio mostrava-se mais do que disposto. No dia seguinte, um feriado, lá estava ele, enxada em punho, cavando a terra, diante do olhar admirado da família. Papai até perguntou o que tinha acontecido.

- Ele se ofereceu para fazer o trabalho - disse Pedro, dando de ombros.

Para encurtar a história: tesouro algum apareceu, mas, um mês depois, tínhamos uma horta no quintal. Antônio acabou descobrindo a trama de Pedro, mas não ficou zangado. Inspirado pelo acontecimento, escreveu uma história, com a qual ganhou um prêmio literário da prefeitura. Uma boa grana, que ele usou para comprar livros. Hoje é um conhecido jornalista e escritor. Acho que ele acabou, mesmo, encontrando o tesouro.

Fonte do texto: www.revistaescola.abril.com.br

1- Por que a história foi intitulada "O tesouro no quintal"?

Porque para convencer o irmão Antônio a ajudar na construção da horta, Pedro inventou uma história sobre um tesouro enterrado no quintal.

2- Como era formada a família da história e em que condições viviam?

Era uma família grande: pai, mãe e cinco filhos, uma família grande e pobre.

3- Por que o pai olhava para aquele enorme quintal da casa com tristeza?

Pois achava um desperdício de espaço e de terra, um quintal com pneus velhos, latas, pedaços de tijolos e telhas.

4- O que o pai decidiu fazer naquele terreno abandonado e como organizou o trabalho?

Decidiu fazer uma horta, com a ajuda dos dois filhos mais velhos.

5- O que fez Pedro para convencer Antônio a ajudar no trabalho com a horta?

A história sobre o tesouro enterrado.

6-O que acontece no desfecho da história?

Antônio acabou descobrindo a trama de Pedro, mas não ficou zangado. Inspirado pelo acontecimento, escreveu uma história, com a qual ganhou um prêmio literário da prefeitura. Uma boa grana, que ele usou para comprar livros. Hoje é um conhecido jornalista e escritor. Acho que ele acabou, mesmo, encontrando o tesouro.

7- Antônio é descrito como um grande leitor e há dois fatos que sustentam essa ideia apresentada pelo narrador. Quais são elas?

Pretendia motivar o Antônio a capinar o pátio contando-lhe uma história e estava sempre lendo - era o maior frequentador da biblioteca do colégio.

8- A história contada por Pedro a Antônio possui alguns elementos básicos de uma narrativa, como tempo, espaço, personagens e situação inicial. Defina qual é o tempo, o espaço, as personagens e a situação inicial na história que Pedro conta a Antônio.

Era uma boa história: segundo um famoso professor, séculos antes (tempo), piratas franceses (personagens) haviam andado pela nossa região (espaço), e ali haviam enterrado um tesouro (situação inicial). Expulsos pelos portugueses, nunca mais tinham retornado, de modo que a arca com joias e moedas de ouro ainda estava no mesmo lugar, que podia ser o pátio de nossa casa.

9- A princípio, o narrador e Pedro acham que a ideia de fazer uma horta era muito boa, mas algo faz com que os garotos se incomodem com essa ideia. Por que os garotos se incomodam com a proposta do pai em fazer a horta?

Os garotos acharam que iriam ter muito trabalho para cuidar da terra e plantar.

10-Este conto apresenta uma história que aconteceu com uma família, formada por pai, mãe e cinco filhos. Eles são personagens da história. Quais desses personagens recebem nome?

Os dois filhos mais velhos, Pedro e Antônio.

11-O que sabemos sobre as personagens da história? Copie no quadro abaixo as palavras e as informações que você encontrou no texto.

Pai	Mãe	Filhos
Era pedreiro e mal conseguia sustentar a família e vivia bolando formas de reforçar o orçamento doméstico ou de, pelo menos, diminuir as despesas.	Ajudava como podia, fazendo faxinas e costurando para fora.	Pedro era o filho mais velho, líder dos irmãos, considerado muito esperto, dono de uma lábia fantástica, pois argumentava como ninguém. Antônio era o irmão do meio. Com 9 anos, era

		um menino quieto, sonhador e o maior frequentador da biblioteca do colégio.
--	--	---

Algum fato assustador acontece com esses personagens?

Não, apenas misterioso.

29ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos farão, em duplas, a comparação entre dois contos, o anterior e o desta atividade, observando as semelhanças e diferenças presente nos mesmos. Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

Comparando contos

Depois de conversarem sobre as personagens do conto “O tesouro no quintal” leiam, em duplas, mais um texto. Fique atento as personagens e, assim como fizeram antes, sublinhem todas as informações que encontrar sobre eles.

O tesouro enterrado

Numa das ruas que davam na pracinha de Belém, na antiga cidade de Huaraz, havia uma casa dos tempos coloniais que sempre estava fechada e que vivia cercada de mistérios. Diziam que estava repleta de almas penadas, que era uma casa mal-assombrada.

Quando esta história começou, a casa já havia passado por vários donos, desde um avaro agiota até o padre da paróquia. Ninguém suportava ficar lá. Diziam que estava ocupada por alguém que não se podia ver e que em noites de luar provocava um tremendo alvoroço.

De repente, ouviam-se lamentos atrás da porta, objetos incríveis apareciam voando pelos ares, ouvia-se o ruído de coisas que se quebravam e o tilintar de um sino de capela. O mais comum, porém, era se ouvirem os passos apressados de alguém que subia e descia escadas: toc, toc, tum; toc, toc, tum... As pessoas morriam de medo de passar por ali de noite.

Certo dia, chegou à cidade uma jovem costureira procurando uma casa para morar. A única que lhe convinha, por ficar no centro, era a casa do mistério.

Muito segura, a tal costureira afirmou que não acreditava em fantasmas e alugou o imóvel. Instalou ali a sua oficina, com uma máquina de costura, um grande espelho, cabides e uma mesa de passar a ferro.

Com a costureira moravam uma moreninha chamada Ildefonsa e um cachorrinho preto, de nome Salguerito. E foi o pobre do animal que acabou pagando

o pato, pois o fantasma da casa decidiu fazer das suas com ele: puxava-lhe o rabo, as orelhas, e vivia empurrando o coitadinho. Dormisse dentro ou dormisse fora da casa, à meia-noite Salguerito se punha a uivar de tal modo que dava medo. Arqueava o lombo, se arrepiava todo e ficava com os olhos faiscando de medo. Só dormia tranquilo na cozinha, ao pé do pilão.

As pessoas costumavam ir bisbilhotar para ver como era a tal costureirinha e saber como aqueles três estavam se arrumando na casa mal-assombrada. As duas mulheres não demonstravam em absoluto estar assustadas nem se davam por vencidas. A única coisa é que tinham que dormir com a lamparina acesa e com o cão na cozinha.

O fantasma acabou se cansando de infernizar o animal, mas começou então a deixar suas marcas na oficina da costureira: o espelho entortava sem que ninguém o tocasse; a máquina de costura começava a costurar sozinha; os carretéis caíam e ficavam rolando no chão; desapareciam as tesouras, o alfineteiro, o dedal e o caseador; as mulheres sentiam a presença de alguém que as seguia o tempo todo e, às vezes, o espelho ficava embaçado, como se alguém estivesse se olhando muito próximo dele.

Várias vezes o padre passou pela casa levando água benta, mas o copinho onde ela ficava sempre aparecia misteriosamente entornado.

– Isso não é coisa do diabo – esclareceu o padre. – As coisas do diabo se manifestam de outra maneira e acabam com água benta, invocações ou com a santa missa.

Com isso, as mulheres ficaram mais tranquilas.

– O que eu acho é que deve haver alguma coisa enterrada por aí. Dinheiro ou joias guardados em algum lugar. Talvez alguma alma penada queira mostrar a vocês o lugar em que está o tesouro para poder repousar em paz e, neste caso, é preciso ajudá-la – sentenciou o padre.

Havia, nessa época, pelas bandas de Huaraz, um homem que se dedicava a procurar tesouros, cujo nome era Floriano. Era famoso e possuía uma larga experiência nesse tipo de trabalho. Chamaram-no muito em segredo e, certo dia, chegou sem que ninguém soubesse. Entrou na casa recitando rezas e súplicas, fumando cigarros e queimando incenso:

– Alma abençoada, sabemos que estás aqui e que nos ouves. Se quiseres alcançar o reino da paz, mostra-nos onde está enterrado o tesouro. Usa os sinais que quiseres, mas comunica-te conosco.

O homem ia de canto em canto repetindo a mesma coisa. Salguerito olhava para Floriano, latia e, em seguida, ia se deitar na cozinha, ao pé do pilão.

Floriano passou dois anos inteiros procurando o tal tesouro. A cada mudança de lua, lá estava ele, mas nunca encontrava uma resposta. Removeu o piso da casa inteira, bateu em todas as paredes, revistou as janelas e nada. Salguerito fazia sempre a mesma coisa: olhava para ele, latia e corria até a cozinha para atirar-se ao pé do pilão. Até que um dia Floriano se foi, dizendo que nessa casa não havia nenhum tesouro enterrado.

Mas um domingo, quando Ildelfonsa estava socando milho no pilão da cozinha para fazer pamonhas, seus pés esbarraram numa espécie de alça enterrada. Intrigada, a mulher foi cavoucando e cavoucando com uma faca, até que apareceu não apenas a alça completa, mas a boca de uma panela de ferro. Era exatamente no lugar em que Salguerito costumava se enfiar para dormir e onde se atirava sempre que Floriano vinha procurar o tesouro.

Surpresa, Ildelfonsa foi correndo chamar a costureira.

– Veja – disse-lhe –, há uma panela enterrada aí embaixo.

Imediatamente as duas mulheres empurraram o pilão e zás-trás! Apareceu o tesouro: uma panela repleta de moedas antigas de ouro e prata, joias e pedras preciosas dos tempos coloniais. Estava logo ali, à flor da terra, junto à pedra de moer.

Dizem que à meia-noite, depois de benzerem a casa, a costureira e Ildelfonsa saíram da cidade levando consigo não apenas o tesouro encontrado, mas também Salguerito, o cãozinho judiado que lhes deu o sinal preciso de onde estava enterrado o tesouro.

Nunca mais se soube deles.

Conto do Peru, versão de Rosa Cerna Guardia. Coletânea de contos de tradição oral. Contos de assombração. Co-edição latino-americana. São Paulo: Ática, 1988. 4a ed.

Vocês provavelmente já sabem que as personagens desse conto são uma costureira, Ildelfonsa, o cão Salguerito, o padre, o Floriano e uma alma penada.

Agora deverão preencher as informações do quadro abaixo, comparando este conto com o da atividade anterior:

Comparação dos dois contos

	O tesouro no quintal	O tesouro enterrado
Autor	Moacyr Scliar	Rosa Cerna Guardia
Lugar	Em uma casa de subúrbio, perto de uma bela praia.	Numa casa antiga, colonial, em uma das ruas que davam na pracinha de Belém, na antiga cidade de Huaraz.
Tempo	A história aconteceu quando Pedro era criança.	Há um tempo atrás.
Personagem	O pai, a mãe e cinco filhos.	Uma costureira, Ildelfonsa, o cachorrinho Salguerito, o padre, o Floriano e um fantasma.
Fato marcante	Pedro não se aborrecer com a mentira do irmão e se tornar um grande	O tesouro enterrado atrás do pilão.

	escritor.	
--	-----------	--

Salada de palavras

No quadro abaixo, você encontrará palavras e expressões retirados dos contos “O tesouro no quintal” e “O tesouro enterrado”. Elas estão misturadas e se referem aos lugares onde aconteceram os fatos narrados nas histórias.

Cidade de Huaraz	Quintal grande	Panela repleta de moedas antigas de ouro e prata,	Mesa de passar
Casa pobre	Bela praia	Lamparina	Subúrbio
Pedras preciosas	Pilão	Casa dos tempos coloniais	Capim viçoso
Pedra de moer	Horta	Carretéis	Tilintar de sino
Jóias	Pneus velhos	Lamentos	Moedas

Preencha cada coluna com as palavras e expressões que estão de acordo com o lugar descrito em cada conto.

O tesouro no quintal	O tesouro enterrado
Quintal grande.	Cidade de Huaraz.
Casa pobre.	Panela repleta de moedas antigas de ouro e prata.
Bela praia	Mesa de passar.
Subúrbio.	Lamparina.
Capim viçoso.	Pedras preciosas.

Horta	Pilão.
Joias	Casa dos tempos coloniais.
Pneus velhos	Pedra de moer
Moedas	Carretéis
	Tilintar de sino
	Lamentos

30ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos farão a análise do vocabulário descritivo do texto, observando como a descrição, neste gênero, é uma ferramenta que torna o texto mais atraente e misterioso. Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

Descrevendo lugares

Agora que você já concluiu as listas na atividade anterior, elabore uma pequena descrição da casa onde aconteceram os fatos narrados nesses contos. Você poderá usar as palavras da lista ou empregar outras.

O tesouro enterrado

A história desse conto se passa em:

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos escrevam que no conto “O tesouro no quintal”, a história se passa em uma casa pobre, já no conto “O tesouro enterrado”, a casa é dos tempos coloniais (antiga).

Ao descrever a casa, você descreveu o que chamamos de **cenário dos contos**. O cenário é o lugar, espaço ou ambiente onde acontecem os fatos narrados.

Criar adequadamente o cenário onde ocorrerão os fatos de uma história é muito importante. No caso dos contos de assombração, o escritor deve prestar ainda mais atenção aos detalhes.

O que aprendemos até aqui?

Podemos dizer que, independentemente do número de parágrafos, o conto de assombração é, geralmente, planejado da seguinte maneira:

Introdução: apresentação do lugar e do personagem, sempre com descrições atraentes ao leitor.

Complicação: introdução do fato a ser narrado - o que aconteceu que merece ser narrado.

Desenvolvimento: narrativa do fato estranho com a aparições que assombram os personagens – como o fato aconteceu e que mudanças ele provocou.

Clímax: ocorre no desenrolar de um conflito, pouco antes do desfecho. É o ponto crucial do texto, onde não se sabe para que lado a história penderá.

Desfecho: o que foi descoberto e como ficaram o lugar e as personagens depois do fato.

31ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos retomarão a estrutura do gênero e farão a análise linguística, observando a linguagem utilizada. Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

Retomando as características dos contos de assombração

1. O **enredo** (ações narradas) apresenta sempre fatos estranhos, assustadores, misteriosos, para os quais não há uma explicação lógica.
2. Entre as **personagens**, há sempre um ser sobrenatural, que é a “assombração”, e que provoca medo e terror nos demais personagens, que fazem parte do “mundo dos vivos”.
3. O **narrador** pode ser personagem ou não. O mais comum é que o narrador não participe da história, mas a observa e narra, normalmente está reproduzindo um “caso” de que ouviu falar.
4. A descrição do **lugar** do **cenário** onde se passa os fatos é muito importante porque, muitas vezes, é por meio dos elementos do cenário que a assombração se manifesta.
5. Os fatos narrados no conto já aconteceram, já chegaram ao fim. O mais comum é que os contos de assombração apresentem histórias que aconteceram há muito tempo, em um passado distante.

Marcando o tempo na narrativa

Lembra-se do conto “A lição da caveira”? No primeiro parágrafo, Flavio Morais escreve o seguinte:

“Há muito tempo, numa noite sem lua, ia um homem por uma estrada deserta e assombrosa. Nela havia um cemitério muito velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra, dando ao lugar um aspecto assustador.”

A expressão “Há muito tempo” marca a época em que a história aconteceu.
“Numa noite sem lua” marca o momento em que a história começa.

Professor

Retome com os alunos os marcadores de tempo que podem aparecer em um texto, solicitando que anotem no caderno as seguintes informações:

- **Advérbios** "Ontem", "hoje", "amanhã", "já", "agora", "logo", "cedo", "tarde", "outrora", "breve", "nunca", "sempre", "jamais".
- **Locuções adverbiais** Duas ou mais palavras com valor de advérbio, como "às vezes", "em breve", "à noite", "à tarde", "de manhã", "de quando em quando".
- **Conjunções** Aquelas que dão a ideia de progressão na história que está sendo contada, como "enquanto isso", "depois disso", "logo que", "assim que".
- **Preposições** "Durante", "após" etc.

Os verbos também marcam o tempo

O tempo na narrativa também é marcado pelo verbo. Vamos reler o segundo parágrafo do conto “A lição da caveira”.

“Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou uma caveira quase à beira do caminho. Teve uma ideia sem ver nem pra quê: resolveu testar sua coragem diante do sobrenatural. Aproximou-se e, agachando-se, deu uma pancadinha com o nó do dedo no crânio alvo, perguntando, em tom de brincadeira:”

Observe que os verbos estão todos no tempo passado, para indicar que as ações aconteceram em um momento anterior ao que estamos vivendo agora. Para manter a coerência do texto e para que o leitor não se confunda, o autor mantém todos os verbos no passado.

Atividade

1. Sublinhe os verbos do trecho a seguir:

“Por aquilo o homem não esperava. Tomado pelo pavor, largou imediatamente o macabro objeto e afastou-se impressionado com o que acontecera. Beliscou-se. Não estava louco; nem sonhando. A caveira realmente havia falado. Tinha certeza daquilo. Olhou para trás e a avistou. Parecia encará-lo com aqueles enormes buracos escuros. Um arrepio percorreu lhe a espinha. Caminhou o resto da noite até que, ao amanhecer, chegou a um lugarejo.”

32ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos retomarão a estrutura do gênero e farão a análise linguística, observando a linguagem utilizada.

Para isso, selecione um dos textos trabalhados nas atividades anteriores para que os alunos indiquem as partes do texto que dão a ideia de lugar.

Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

Observando a linguagem descritiva do conto

No primeiro parágrafo, o autor também se preocupa em dar ao leitor uma boa ideia do lugar em que o homem andava, observe:

“[...] por uma estrada deserta e assombrosa. Nela havia um cemitério muito velho tão velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra dando ao lugar um aspecto assustador.”

Atividade

Retome a leitura indicada pelo(a) seu(a) professor(a) e grife no texto as partes que indicam e descrevem o lugar em que se passa a história.

Após esse momento, socialize com a turma as suas descobertas!

33ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos farão a análise linguística, observando a linguagem utilizada para descrever as personagens.

Retome com a turma o que já discutiram sobre o assunto, como são as características das personagens que aparecem neste gênero, faça na lousa uma chuva de ideias antes de propor a atividade descrita.

Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

Descrevendo personagens

Há também trechos do texto em que o autor descreve as personagens, falando do seu aspecto e das suas atitudes. Observe o trecho abaixo e:

- circule as palavras e expressões que descrevem a multidão.
- sublinhe as atitudes da multidão.

“O homem percebeu, assustado, a multidão que se sentia ludibriada caminhar em sua direção. Olhos vidrados, expressões furiosas nos rostos, andavam lentamente, como uma turba de mortos-vivos. Pegavam o que podiam no chão: paus, pedras, restos de cruzeiros, ossos. Enquanto fechavam o cerco em redor dos assombrado estranho, esbravejavam, em couro, chamando-o de mentiroso, embusteiro e enganador.”

34ª Atividade

Professor

Nesta atividade os alunos colocarão em prática o conhecimento adquirido sobre a análise linguística, observando e utilizando a linguagem para descrever as personagens.

Retome com a turma o que já discutiram sobre o assunto, e proponha a atividade.

Durante a atividade, caminhe pela turma e observe os estudantes que estão apresentando dificuldades, faça as intervenções necessárias. Após toda a turma finalizar, socialize as respostas.

Praticando – Adicionando mais elementos na narrativa.

Leia o trecho do texto abaixo:

Encurtando caminho

Tia Maria, quando criança, um dia se atrasou na saída da escola, e na hora em que foi voltar para casa já começava a escurecer. Viu uma outra menina passando pelo cemitério e resolveu cortar caminho, fazendo o mesmo trajeto que ela.

Tratou de apressar o passo até alcançá-la e se explicou:

- Andar sozinha no cemitério me dá um frio na barriga! Será que você se importa de se nós formos juntas?

- Claro que não. Eu entendo você - respondeu a outra. - Quando eu estava viva, sentia exatamente a mesma coisa.

Ângela Lago. Sete histórias para sacudir o esqueleto. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

Vamos reescrever este texto, colocando nele mais marcadores de tempo e descrevendo com maiores detalhes os lugares e as personagens.

Resposta pessoal.

35ª Atividade

Professor

Nessa etapa, denominada de “Produção final”, os estudantes são motivados a produzirem o final de um conto de assombração.

Para isso, realize com a turma o planejamento do final do conto que pretendem escrever, utilizando as etapas descritas na atividade (você pode utilizar dois dias diferentes: um para o planejamento e outro para a escrita do texto).

Esta atividade é uma avaliação diagnóstica de todo o processo realizado durante a sequência e o objetivo é verificar o que a turma aprendeu sobre o gênero, a linguagem, pontuação e ortografia e se há alguma dificuldade que ainda precisa ser sanada.

Produção Final

Depois de conhecer vários contos de assombração e de realizar tantas atividades sobre eles, chegou a hora de se preparar para escrever o seu próprio conto!

Antes de iniciar a escrita, é preciso lembrar a sequência da história e pensar nos detalhes que serão colocados no texto, tornando-o atraente e gostoso de ler.

Lembre-se de que você é o escritor e que ele será lido por pessoas que precisam entender toda a sequência da história e dos fatos, portanto, o texto deve ficar bem claro para os leitores e ter as características de um conto de assombração.

Para iniciar, leia o trecho inicial do conto:

“Meia noite, cansado e com sono, lá estava eu, andando pelas ruas sujas e desertas dessa cidade. Minhas únicas companhias eram a Lua e alguns animais de vida noturna. Num canto havia um cão e um gato tentando encontrar alimentos, revirando latas de lixo. Em outro ponto da rua, ratos entravam e saíam de um esgoto próximo à padaria da esquina. Eu estava tentando lembrar por que havia saído tão tarde do emprego, quando ouvi uns passos atrás de mim.”

A partir desse trecho, observando o que ele traz e a sua criatividade, responda às questões:

1. Quando a história aconteceu?

2. Em que lugar ela ocorreu? Como era esse lugar?

3. Quem participa da história? Como são as personagens?

4. Qual assombração aparece na história?

5. Em que lugar e quando ela aparece?

6. De que maneira ela se manifesta? Que problema ela causa? O que ela faz no lugar e para as personagens?

7. Qual é a reação das personagens diante da assombração?

8. De que maneira é resolvido o problema causado pela assombração?

Agora, anote os pontos principais que colocará no conto:

Complicação (introdução do fato a ser narrado - o que aconteceu que merece ser narrado):

Desenvolvimento (narrativa do fato estranho com a aparições que assombram as personagens – como o fato aconteceu e que mudanças ele provocou):

Clímax (ocorre no desenrolar de um conflito, pouco antes do desfecho. É o ponto crucial do texto, onde não se sabe para que lado a história penderá):

Desfecho (o que foi descoberto e como ficaram o lugar e as personagens depois do fato):

quando ouvi uns passos atrás de mim.

Após a escrita do conto de assombração, releia-o, observando se colocou todos os aspectos indicados na planilha abaixo. Caso tenha esquecido de algum item, revise o seu texto.

REVISANDO E EDITORANDO O CONTO DE ASSOMBRAÇÃO

PLANILHA DE AUTOAVALIAÇÃO

Aspectos a serem observados na produção textual	Sim	Não	Revisar
Você colocou o título?			
Você descreveu as personagens, suas características físicas e psicológicas, seus comportamentos?			
Apresentou o suspense que deveria ser desvendado?			
Considerou se o(a) leitor(a) conseguirá compreender o texto com facilidade?			
Você deu continuidade ao início misterioso?			
Você apresentou os fatos essenciais da narrativa?			
A ordem que apresentou os fatos estava correta?			
O texto foi apresentado de maneira atrativa?			
Você organizou os parágrafos adequadamente?			
Você utilizou os sinais de pontuação adequados ao que pretendia dizer?			
Utilizou letra maiúscula sempre que necessário?			
Escreveu de maneira legível?			
Fez uma revisão da ortografia?			
Fez uma revisão da acentuação das palavras?			